PARA TODOS...

rio de janeiro — 30 de janeiro de 1932 NVM. 685 • 1$500

"A mocidade e como o Lotus:
floresce apenas uma vez."
KOHOUT
VALE A PENA
PENSAR
A mocidade é uma só — e esta mesmo pode ser abreviada pelos estragos da saude. Defender a saude é prolongar a propria mocidade, é dar ao corpo uma graça duradoura que resiste até a velhice.
A fonte perenne de conservação para o sexo feminino é
A Saude da Mulher.
Favorece as Mocinhas,
porque normalisa o apparecimento das regras, tonificando o Utero e os Ovarios nessa edade perigosa em que taes orgãos, ainda fracos, são facilmente attingidos por grandes perturbações.
Favorece as Senhoras,
porque as conserva jovens, preservando-as de soffrimentos que as fazem envelhecer mais depressa, taes como Flores-Brancas, Faltas de Regras, Regras Demasiadas, Regras Dolorosas.
Favorece as Senhoras mais edosas,
porque combate todos os males da Edade Critica, principalmente o Rheumatismo e as Colicas Uterinas.

Musculos
de aço
obtêm-se
com...ferro
A força só reside em organismos tonificados.
Tonificar o organismo é dar ao corpo os elementos que produzem força e robustez.
O melhor Tonico conhecido é o "Nutrion". Contendo ferro chimico em sua formula, o "Nutrion" enriquece de hemoglobinas o sangue e torna rijos os musculos. — Cada vidro de "Nutrion" é um reservatorio de Força e de Vigor!
NutrioN
TONICO
NutrioN
KOHOUT - NEW YORK.

A voz do Brasil

SOU a Terra, a categoria do teu espirito, a carne da tua carne, os ossos dos teus ossos, numa união inquebrantavel... Olha estes lindos e alegres mares. São teus, foi o dom dos teus antepassados. Defende-os, guarda-os, são a esmeralda e a saphira que me circumdam o corpo dourado e me dão a perpetua refulgencia. Por elles tu te ligas ao mundo antigo e dilatas o teu espirito que fluctuará sempre sobre as aguas como a divindade e darás o teu rythmo eterno ás ondas geradoras. Em todos os mysterios da luz, da côr, da forma, dos sons, das lendas, das tradições e da historia, extasia a tua propria alma. A Arte é a tua libertação. Elimina o terror inicial e funde o teu ser no Todo infinito. Sob a violencia luminosa do meu céo, eu te suscitarei idéas fortes e ousadas. Possue intimamente as cousas sobre que o teu espirito paira. São os bens da Terra que é tua. Corre o risco da morte que é o premio da vida. Na alegria interior, gosa o eterno espectaculo. Sê insaciavel de belleza, de poder, de alegria...

GRAÇA ARANHA

Na praia á hora do banho... — Desenho de Romy.

COMO o tempo nos offerecesse uma serenidade cheia de esplendor, sahimos um dia os dois moradores do acampamento cimeiro, com animo alegre, a correr campos, envolta no azul a alma, pelas ondulações dos cumes.

Levavamos em nossa mula cargueira mil cousas que sobre a mesma collocara Facundo.

Entrada a manhã, com rutilas flechas o sol punçoava os espaços sangrando-os em harmoniosa claridade.

O ar fino, com casta frescura, atrèvessando a roupa tocava nossa pelle.

As macegas dos cumes verdejavam em todas as direcções, ora se occultando, ora apparecendo longe como se brincassem de esconder. Muito alto, muito alto, donde a vista se diluia em céo, e naufragava no pélago telectico, o Infinito como um monge azul tocava na infula da lua. De repente, disse a meu irmão de andança celeste:

— Facundo, quero ver condôres outra vez.

— Como os quer ver, patrãosinho?

— Em vôo, em magestosas curvas; que appareçam no azul profundo. Amarramos os cavallos nas mattas de palhas e arbustos e avançamos a pé até perdel-as de vista.

No topo de uma ondulação nos detivemos, mais ou menos a tres mil metros de altura.

Colloquei-me entre penhascos dissimulados por altas palhas floridas, provido de poderoso binoculo para perscrutar a profundidade do céo. Facundo gritou:

— Vae ver como os engano.

Cobriu-se com uma pelle de condôr ainda empennada, e, movimentando os braços por baixo das asas, simulava a ave de rapina no momento de cahir sobre a presa.

Fundi a vista, fortalecida pelo binoculo, no azul longinquo.

E... ah! maravilha! pouco esperei para distinguir um ponto obscuro, gigante, no céo. Retirei o binoculo e nada vi. Collocado de novo, vi como aquelle ponto se approximava, brotando do ether, e se convertia num passaro.

Em seguida, (com tal rapidez se approximava o condôr, que vôa com a velocidade quasi constante de duzentos kilometros por hora), o distinguir claramente a olho nu. Descia em grandes espiraes, immoveis os remigios das asas espalmadas.

De que altura aquella vista mais forte e perscrutadora do planeta avistou o supposto condôr?

As solemnes espiraes levantavam o animo, dando-lhe uma força ingente.

De subito, appareceram mais dois condôres. Giravam os tres em curvas excentricas. Eram alphas ethereos. Posto que negros, brotavam de oceanos de luz.

O enorme passaro navegava na claridade azul como um heraldo do sol.

Approximaram-se mais e mais. Voavam já a cento e cincoenta metros de nós; porém, sem duvida, algo suspeitavam, porque não desciam nem um centimetro da altura em que se achavam.

Então o diabo do Facundo, debaixo das asas, berrou como um terneiro ferido, que os condôres deviam suppor coberto pelo passaro devorador. Instantaneamente, desceram a oitenta metros, porque se ouviu já o silvar das asas no vento.

Cães alados

Baixaram mais, e, convencidos do engano, ganharam de novo as alturas, os obscuros filhos do céo.

Sahi de meu esconderijo. Em um instante ficou limpo da mais insignificante mancha o espaço, e, a parecer isento de vida.

Imperou de novo a profunda serenidade azul.

Fiquei contentissimo, porque comprehendi que nenhum segredo dos cumes, nem dos céos, nem dos condôres, se me escaparia deante de um companheiro como era Facundo Oviedo.

— Admiravel Facundo — disse-lhe, enthusiasmado — és capaz de enganar o sol e as estrellas.

Facundo Oviedo estava, sem duvida, satisfeito da sua manobra.

Podiamos ainda vagar pelos cimos durante algumas horas, até o meio dia, e ter sobrado tempo de voltar ao acampamento antes do escurecer. Montámos e descenmos pelo fio de uma cochilha.

Notavamos cada vez mais vida vegetal e animal.

A vista distinguia, não longe, touros, vaccas e ovelhas, que pasciam tranquillamente em campos azulecidos.

Contemplei a amisade ardente e profunda de dois touros que testemunhavam a fecundidade dos campos. Nisso, vimos uma vacca que parecia vir dos baixios, em andar lento, até os cumes. Mostrava-se tão doente que dava lastima. Innumeraveis bichos lhe roiam o trazeiro, o focinho, a ilharga. Fugia, sem duvida, das moscas, abundantes naquellas paragens, e que sentavam, immundas, em suas fe-

ridas, produzindo coceiras insupportaveis. Tinha chegado já na região da montanha sem moscas, mas extenuada e quasi vencida pela morte proxima. Olhou-nos com olhos esgazeados e raivosos, devido á febre. Uma expressão de ira e de loucura bestial se desprendia do conjunto de seu corpo fraco e provavelmente sem allivio possivel, dominado pela fatalidade.

A dez metros della, seu filho, ferido pela desgraça materna, cahido pelo cansaço, parecia ser um terneiro de tres mezes.

Facundo apeou-se, apropinquando-se do terneiro, que começou a levantar-se, só conseguindo ajudado pelo homem.

Então a vacca, appellando para suas ultimas forças, carregou sobre o intruso, e logo deu um mugido que me soou ao ouvido como se tivesse brotado de uma alma de mãe humana.

Facundo evitou com magistral presteza o encontro, e ao mesmo tempo deu um formidavel laçaço nos cornos do animal. Esta volveu sobre si mesma, carregando de novo sobre o homem, com mais impeto; porém o môço, agil e forte, deu-lhe outro golpe com o cabo do relho no focinho bichado, tão certeiro e energicamente, que a vacca mugiu de dôr e abandonou campo e prole ao adversario. Fez-me encolher a alma aquelle grito de dôr do animal-mãe.

O terneiro podia caminhar ainda, como o fez.

— Quasi te mata a vacca, Facundo.

— Já vê, patrãosinho, o que é levantar **fracos de colla** — contestou-me com graça.

Então... porque tive tão diabolica idéa?

— Diga, Facundo: poderá salvar a vacca e a cria?

— Mui difficil, patrãosinho.

— Sendo assim... Si os levassemos ao cume?

— Para os condôres?...

— Sim.

— Como queira, no mais.

Facundo ergueu o infortunado terneiro e collocou-o sobre a mula e montou na garupa. A vacca o seguia, ameaçante, porém sem se atrever a atacal-o. Quando se atrazava um pouco, eu a estimulava o laçaços a seguir até maiores alturas, atraz de meu companheiro.

CARLOS B. QUIROGA

TRADUCÇÃO DE JOÃO FONTOURA

Demorámos muito para chegar á lombada de uma coxilha donde se viam grandes penhas cobertas por palhas floridas. A vacca, extenuada não caminhou mais. Aos laçaços, protestava movendo, raivosa, os cornos de um para outro lado.

Por que fui tão cruel, naquelle dia? Que voz ancestral desconhecida falou, persistente, dentro de mim?

— Deixe-a, patrãosinho; aqui, no mais, está lindo.

Deixei-a. Facundo poz o terneiro no chão. Em seguida desceu um pouco e amarrou as montadas, occultas e longe da scena.

Quando regressou, occultámo-nos entre as penhas e as palhas, proximos dos desgraçados animaes.

Confesso que um feroz regosijo me agitava as entranhas.

Ia ver o drama mais caracteristico e terrivel das montanhas.

O homem elegante deve usar um guarda-chuva...
Desenho de Romy.

Ia ver o bandoleiro feroz e sublime, do azul cahir sobre a presa gemente na implacavel solidão dos cumes. Ia contemplar o horror dos campos abertos em barbara e cruel formosura.

Naquella vez demos prova de muita paciencia para ver consummar-se o martyrio preparado. Uma hora de immobilidade levámos, quando appareceu nos céos o primeiro condôr. Girou em esplendidas espiraes. Instantes depois, um segundo condôr desenhou seu vôo serenissimo no crystal do espaço matutino.

Approximaram-se. A' medida que se apropinquavam, estendiam o pescoço, abriam mais os olhos, e pareciam voar com maior impetuosidade. Aos oitenta, aos sessenta metros profanavam o azul puro dos cimos com sua fome barbara e com feroz designio.

Já não eram curvas magestosas que traçavam, qual alphabeto do idioma do infinito, escripto no ar subtil das alturas. Já não eram signos do deus solar as figuras de seu vôo: este tinha-se convertido em ansia de matar, de engulir. Era uma approximação cheia de ferocidade, um proposito sinistro, franco, cynico sobre as victimas, sempre em espiraes cada vez mais estreitas e terriveis, cujo centro eram a vacca doente e sua cria esqualida.

Aquelles condôres eram a vergonha do céo puro dos cimos.

Os circulos do vôo reduzem rapidamente o diametro. Os dois condôres (machos) manobram como que de combinação, com intelligencia implacavel, contra os quadrupedes.

(Termina no fim do numero).

O TEU CABELLO NÃO NÉGA...

Desenho de Cortez

Dois poemas do cantor de Luciana

Augusto Frederico Schmidt

Cemiterio nocturno

Eu olhei esta noite a grande rua,
Onde dormem os que não mais se podem explicar.
Olhei o silencio e ouvi o ruido das luzes que velavam,
As lampadas batidas pelos ventos,
Que velavam o que foi um momento e não será mais até o fim.
Olhei longamente a rua e senti descer sobre a minha aflição
um grande repouso de depois das primeiras chuvas sobre terras incendiadas.

Olhei os limites atravez as grades do portão,
E me senti como a creança que se perdeu, e pensa na mansão familiar e no seu leito limpo e bom.
Vi as casas dos que não têm mais esperança
E tive a sensação de quem inesperadamente encontrou o que buscava ha muito em agonia.
Meus soffrimentos me abandonaram e fugiram para as arvores da cidade.
Os que dormiam ali serenados pela mão da que une todos os rios, e eleva ao coração do mysterio os pequeninos, os humildes e os fracos,
Amaram e conheceram o desespero do amor,
Esperaram e viram a destruição do que esperavam
Se arrastaram gemendo e o tedio os seguiu como a sombra pelas estradas,
Desejaram com força e o desejo ficou apenas em desejo.

Gritaram e choraram, tiveram as almas castigadas pela indifferença do mundo ás dores dos que o habitam.
Mas agora estão dormindo todos, saciados e o silencio embala os berços dos pequeninos e dos velhos, todos pequeninos, porque voltaram para o repouso do seio materno.

Canção da tarde de 14 de Janeiro

Vejo um par de namorados descendo
a rua *Lá vem um*.
A namorada é branca e está
de branco com uma golla azul.
Vejo — terei visto? — Luciana passar, esquecida, de automovel.
Vejo a tarde correr rapidamente
pelas ruas de Copacabana.
Desce um vento bom das
montanhas distantes.
Me sinto quasi socegado.
Nem lembro, como outrora, a amargura de Luciana desapparecida.
Se ella não passou no automovel
vertiginoso
Deve estar dansando nos
braços de outros.
Mas estou calmo, quasi esquecido.
No entanto Luciana foi toda
a minha vida...
Hoje, não posso negar, ainda
a queria
Gosto della... mas não é
muito. Muito...

Na cidade

Martim Luz

E o Carnaval está ahi.

O nosso velho amigo, que volta de anno em anno para uma ephemera camaradagem de setenta e duas horas.

E a saudade fica para o resto do anno... Se o nosso destino é ter saudade!...

Mas no Carnaval, a nossa vocação irremediavel de Pierrot, o doente de melancholia, empresta por tres dias a nossa alma para Arlequim.

E então elle faz da gente o manto multicôr e alegre que seduz Colombina.

Colombina, o Carnaval está ahi.

Eu sei que você já sabe. Ja sentiu no ar o cheiro dos lança-perfumes, já preparou a fantasia de seda para os bailes, já mandou o seu Pierrot coronel alugar um automovel e já discou o seu telephone para Arlequim, combinando com elle coisas loucas...

Pierrot — coitado! — um Pierrot decadente e barrigudo, prosaico, burguez e capitalista, já morreu numa frisa do grande "bal-masqué" de segunda-feira do Theatro Municipal, onde você vae flirtar delirantemente... com os outros...

Colombina carioca, mundana, linda, civilisada; você vae passar o carnaval melhor de sua vida.

Amanhã, o grande corso da Avenida Atlantica...

O programma official organizado pelo Touring Club do Brasil, diz apenas:

"Grande corso na Avenida Atlantica. Batalha de confetti e lança-perfumes. Illuminação féerica nas immediações dos clubs locaes".

Imagine.

Imagine a avenida mais aristocratica do Brasil cheia da festa mais alegre do mundo.

Imagine a cidade mais illuminada do mundo, ainda mais illuminada para a alegria de uma noite que não vae ser deste mundo, Colombina...

Este é o carnaval de élite, que foi ao banho de mar á fantasia em Copacabana, que irá ao Municipal, que irá ao Copacabana Palace, que irá ao Palace Hotel.

Este é o carnaval elegante e civilisado. E' o carnaval bohemio e alegre, que vae encher o tradicional baile dos Artistas.

E é o carnaval que vae cantar, descuidado e contente, no meio das ruas.

E talvez, Colombina, para que você sinta saudade do tempo em que Pierrot dedilhava o bandolim sob o seu balcão florido, "au clair de la lune", talvez ainda haja um outro carnaval romantico e amoroso carnaval intimo e limitado, para os que amam sem remedio as coisas que já passaram...

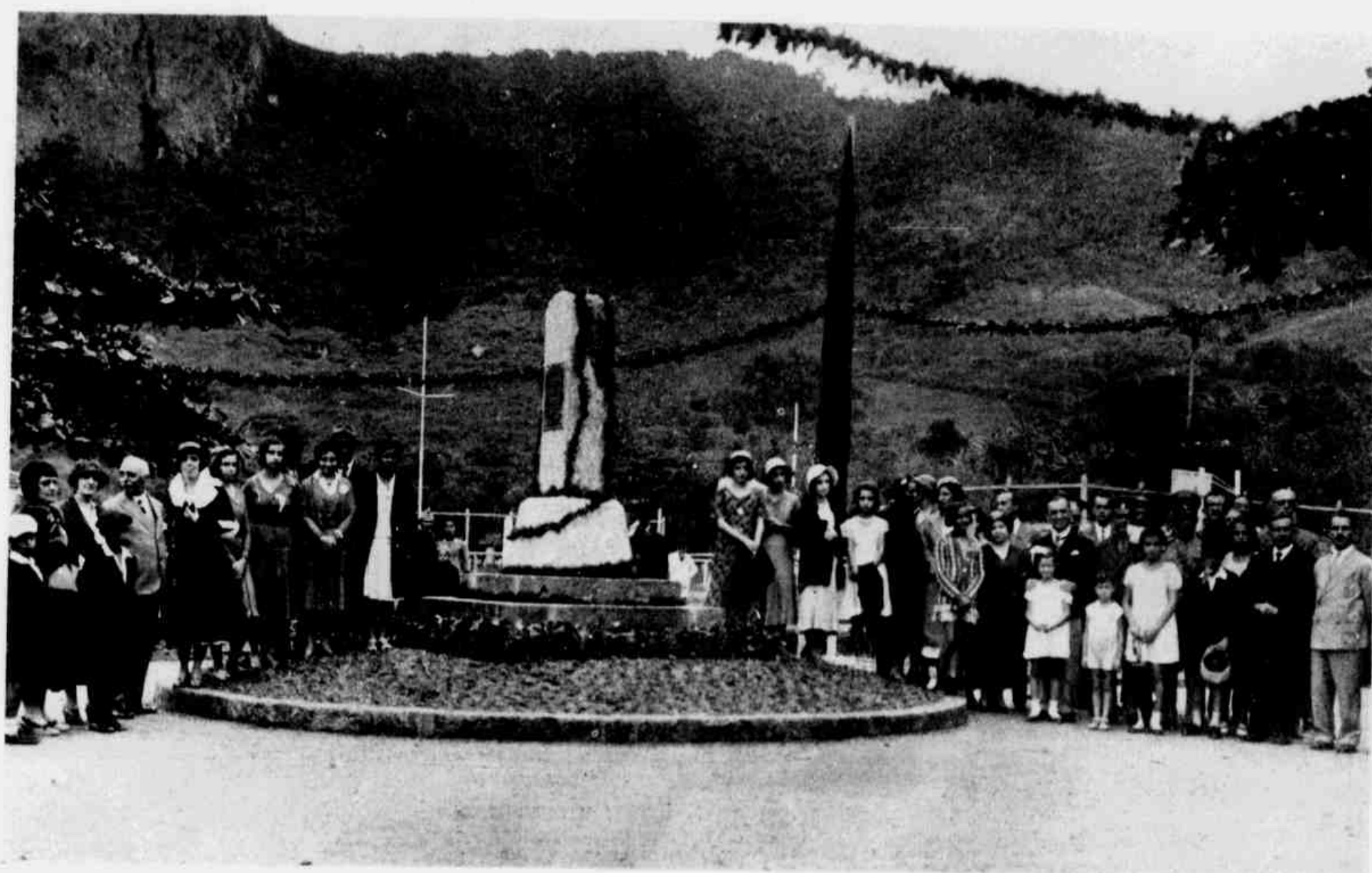
Se o nosso destino é ter saudade!...

Copacabana, domingo

Banho de mar á fantasia

Sahida da Procissão de São Sebastião, Padroeiro do Rio de Janeiro, da Igreja dos Capuchinhos, na Tijuca.

O DIA DA CIDADE

Visita da Associação Regional Carioca ao Marco da Fundadação do Rio de Janeiro, na Fortaleza de São João.

Entre os livros...

WILSON CARVALHO — *Ouro em pó* (poemas).

E' um livro fascinante. Poesias de Wilson. Palavras de Camillo Soares. Illustração de Jair. Só gente moça e de talento

Justamente por tudo isso, este livro de poemas tem um sabor estranho de fructo verde ainda. E é esse amargor inexprimivel e inedito que seduz e attrahe.

Wilson é um poeta de bellezas ingenuas, simples, bellezas que a gente, muitas vezes, já sentiu sem, entretanto, conseguir o sortilegio de exprimil-as em rythmo ou verso...

O milagre, portanto, é delle.

Este livro é uma "batea" cheia de ouro em pó...

Wilson é um mineirador de emoções. Nelle o espirito agreste de montanhez transforma-se na sensibilidade toda differente do estheta. O ouro de sua poesia não tem ganga. E' puro. Parece até o ouro mysterioso daquella lenda da "paineira", que elle tão deliciosamente nos contou numa das suas mais espontaneas poesias.

Camillo Soares, poeta dos maiores da geração, diz que a simplicidade em Wilson chega até a aborrecer. Divirjo. A simplicidade é a riqueza desses poemas.

Comtudo Camillo Soares, talvez lembrando-se de um verso de Verlaine (*Ton âme est un paysage choisi*) o paraphraseia e define:

"Wilson Carvalho é uma paysagem cheia de sol".

Ninguem poderá definir melhor.

Joaquim Ribeiro

ARCOIRIS —*Manoelito d'Ornellas* — Edição da Livraria do Globo", Porto Alegre.

O Rio Grande não é só a terra dos estancieiros ricos e dos politicos revolucionarios. Os estancieiros e os politicos existem pra despistar. O gaúcho, de calça de couro e energia magnifica, tambem. Só pra despistar. Mas, misturado na dansa, ha tambem um punhado de poetas, prosadores, pintores, que são dos melhores do Brasil.

Não é preciso muita argucia pra apontar logo Alvaro Moreyra, Theodemiro Tostes, Augusto Meyer, Sotero Cósme e outros que eu não tenho espaço pra citar.

Agora o Sr. Manoelito d'Ornellas resolveu entrar pro grupo. Aliás, os seus livros anteriores certamente já lhe tinham dado esse direito. Mas eu só o conheço atravez este cartão de visita: "Arcoiris".

E' o seu livro mais novo. De poemas. De poemas bonitos de quem tem sempre um olhar contente pra ver as coisas. E de facto elle conta tudo com serenidade, sem arrebatamentos mas sem tristeza. E' calmo. Uma quietude deliciosa vem dos seus versos fumar com a gente o cachimbo da paz.

O Sr. Manoelito d'Ornellas prefere buscar na natureza os motivos principaes pra sua poetica. Elle conta o Arcoiris. Conta o "Meio dia de verão", quando

"Dorme a fazenda ao sol a pino
de um meio dia louro
abrazadoramente louro".

Conta a "Manhã de sol", tão luminosa que parece que "a cidade pequena está dentro de uma redoma de crystal". Conta. Evóca harmoniosamente. E tem, tambem, notas deliciosas de ternura, naquella "Tempestade", por exemplo, que é de uma delicadeza simples e humana.

O arcoiris é um signal que vem annunciar o bom tempo, não é? Mas agora elle veiu annunciar um bom poeta, isto sim.

Dante Costa

CANTARO DE TERNURA — O Rio ouviu uma vez encantado Maura de Senna Pereira, que vinha como a embaixatriz da intelligencia feminina da terra catharinense. A prosadora harmoniosa e brilhante, que a Academia de Florianopolis já laureara, disse os seus louvados poemas em prosa, tão cheios de colorido e emoção, e voltou satisfeita. Com o nome mais cheio de gloria. De lá, da sua ilha verde, mandava lembranças ao Rio, que a não esqueceu nunca. E de lá nos manda agora, o seu *Cantaro de ternura*, o cantaro da sua alma florida com o jubilo de um amor victorioso. São poemas encantadores, vividos de emotividade e de ternura, poemas de um coração enamorado e contente. Com o *Cantaro de ternura*, Maura de Senna Pereira deu ás letras nacionaes um formosissimo livro, de alta emoção e profunda belleza.

Carlos Rubens

Maura de Senna Pereira, a poetisa de "Cantaro de ternura".

Berta Singerman
a bordo do "Atlantique" em viagem para o Rio.

Um passeio em Paris

DESENHOS

DE MABEL DWIGHT

ARTISTA DE NEW YORK

G U I G N O L

N O C A E S

Esboço

A bruma que anda no ar escurece aos poucos: faz-se mais densa e toma a côr das exhalações mysticas de incenso, sob o domo cada vez mais azul do céo quasi nocturno, e ondula de horizonte a horizonte, velando a luz de cirio das primeiras estrellas. Esse ar espesso envolve tudo como uma gaze, arvores, contornos de edificios, luzes que se vão accendendo.

Reflexos coloridos brilham ao fundo das perspectivas distantes. Os detalhes esmorecem. O azul do céo penetra o ar, dissolve-se nelle.

E' o instante da cidade.

ANTONIUS

A terra dos

AGORA vou lhes contar a razão por que em Pelotas não se vê a praga da rataria que se encontra em toda a parte. A noite, nessa cidade, é uma delicia. Póde-se roncar á vontade e sonhar a gosto sem receio de ser despertado pelo *róc róc* que esses endemoniados fazem com os dentes que a natureza lhes metteu na bocca — não sei p'ra que. Não sei e não sou eu só, pois tenho procurado informar-me e até o presente ninguem me soube explicar direito.

Lá em Pelotas era como aqui. Existiam piquetes, batalhões e até exercitos de feitios differentes! Eram pequenos, grandes, de focinnos compridos e rabos curtos. De tudo havia, — mas não ha mais! Desappareceram, sumiram-se e com tal desinfecção que até nem o cheiro da geração deixaram...

Mas, — como *isto* compensa *aquillo*, — si faltam ratos, — sobejam gatos! Gatos ariscos e sociaveis, de incertos pellos e tamanhos varios.

Installa-se uma pessoa em casa nova, e em seguida apparece uma legião delles, a farejar os commodos, principalmente a despensa, a ver que tal o passadio e se tratam bem aos visitantes. Si o aspecto agrada, não procuram rodeios e deixam-se ficar, fazendo parte da familia.

Esta escassez d'uns e abundancia d'outros, veiu de um facto que ficou celebre entre as lembranças que parecem esquecimento.

Foi ha annos, não me lembra ha quantos. Sei que nesse tempo existia a Dóca, — lugar apropriado para abicarem pequenas embarcações. A sobre dita Dóca ficava fronteira ao Mercado... ou o Mercado ficava fronteiro a ella, — ha opiniões a este respeito. O que se sabe, e ao certo, é que era na zona onde hoje depositam tudo quanto entulha, com o fim altruistico de se construir, — para nossos netos, — o theatro que será baptisado com o nome de Municipal.

Quem viver verá.

Segundo a planta, esse monumento vae metter num chinello os de S. Paulo e Rio, para que saibam que se neste Estado sobem impostos, tambem o bom gosto não fica atraz.

Nestes cincoenta annos mais chegados, vão atacar a obra, dando começo aos alicerces. Estes, — com o elevado numero de operarios — todos diplomados com o titulo de eleitores, — a trabalharem com a actividade e o patriotismo innato, levarão apenas dez annos, conforme calculos feitos a bico de penna e cifras de logarithmos. Findo o marcado tempo, os vindouros poderão fazer idéa da grandeza e da solidez que o edificio irá ter.

Foi pois na época dessa Dóca — que se entope e se continua a entupir — que se passou o extranho caso do Zé do O'. Porque o chamavam assim, ignoro. Desconfio que talvez fosse devido a ter nascido — como dizia — na *Orópa !*

Era portuguez, excellente pessoa e homem de bem por temperamento.

Tinha aproado o hiate que chegara ha pouco e assistia á descarga do mesmo, quando delle se approximou um individuo vermelho, de olhos azues e cabello encarnado e começaram a dialogar. E' melhor dizer — a engrolar, — porque sendo um de Porcalhota e outro da terra do *roast-beef,* não se podiam comprehender como deviam.

E' um mau systema, esse que existe de muita gente se metter onde não deve. Eu não me metto. Não tenho vergonha de confessar: — não sei arabe. Não sei, mas possuo aqui na estante um livro que sabe. Pois mesmo assim, quando ouço alguem falar esse idioma typico, que parece feito de palavras *tapeadas,* fecho a bocca e tranco os ouvidos, com medo de entender alhos por bugalhos...

Mas... paremos nas divagações e entremos no bate lingua dos dois. Dizia o inglez ao portuguez:

— Mim vem de Pilotes. Vai compre *gade* mas non póde. Muite falte. Cade um, oitenta e cem mil rés...

— O que ?! — exclamou estupefacto o Zé, arregalando com espanto os olhos.

— *Very well,* e non escolhide: piquinine, magre, prete, pintado...

— Mas... gato ?

— *Yes,* si, *gade, yes !*

— Mas por que ?

Falte grande.

— Mas para que precisa de tanto gato ?

— Oh ! p'ra vende, p'ra mate, p'ra come...

O outro fez uma careta, cuspiu p'r'o lado e pensou p'ra dentro:

— Estes *bifes* têm coragem e estomago !... Comer gato !...

E virando-se para o informante:

— E esse preço durará ?

— Non ai...

— Não ha ?!

E ficou apprehensivo. Pela mente do marinheiro rude, rapida como corisco, atravessou uma idéa. Veiu-lhe a ambição de fazer dinheiro com pouco trabalho, embora com o sacrificio da vida de milhares de ratasanas Comprar gatos aqui e leval-os para lá. era cousa que lhe seria facil. Os negocios estavam pessimos, a freguezia má, os mantimentos pela hora da morte, portanto... coragem e mãos á obra.

Nessa mesma noite, depois de uma consulta ao travesseiro, decidiu-se. No outro dia, levantou-se transformado em traficante de carne felina. Espalhou agentes, pondo a actividade em acção. Comprava gatos por todo preço !...

Os collegas, os negociantes da Dóca, os *banqueiros* do repolho e nabo, riam a bom rir, zombando, deitando pilheria, chamando-lhe gatophilo, a perguntar-lhe se ia impingir gato por lebre...

Não protestava. Calmo, impassivel, sorria enigmaticamente e continuava confiante e ousado, na laboriosa lida.

E com os dedos mettidos nos suspensorios, — que não lhe deixavam descer as calças, — reflectia:

— O segredo é a alma do negocio. Si vou pôr na bocca do mundo meu projecto, — mette-me a inveja o dente e furam-me a especulação.

E esfregava as mãos callosas e alcatroadas, a lamber os beiços, radiante por ver que a cousa ia de vento em pôpa, de

fóz em fóra, correndo com auspiciosa feição.

— Que surpresa, e que alegria para aquella gente, quando lá chegar. Trinta mil réis cada um, sendo a varejo; por atacado faz-se dez por cento de abatimento... E é barato, em vista da falta da mercadoria. Pensando bem, é dinheiro posto a juro o que se despende com um mammifero desta raça. Só a limpeza que presta numa casa, não tem preço... Veremos. E' capaz até de nem dar para as encommendas...

De momento a momento chegavam vendedores de jornaes, mensagêiros, engráxates, conduzindo gatos, a bufarem, em grandes miados dentro de saccos de toda a especie! Um sacristão, do Rosario, trouxe um, — de grandes barbas, — enrolado na camisa da mãe; um barbeiro, do beco, — veiu com outro, — de rabo grosso e focinho chato, escondido numa perna de calça de mulher velha, — naturalmente da sogra, que foi talvez o que encontrou mais á mão!...

O Zé do O' pagava-os com rasgos de contentamento, levando a liberalidade ao ponto de dar notas de cinco, de dez, conforme a qualidade do *artigo*. E a todos, para lhes fazer a bocca doce, animava-os paternalmetne:

gatos

POR AREIMOR

— Vão, meus filhos: actividade é o que se deseja. A preguiça é avó do vicio e bisavó de todas as desgraças. Trabalhem com afinco e nada de malandrice se querem encarreirar a vida...

*
* *

A treze de Dezembro, numa sexta-feira, largava ferro em Pelotas, o hiate *Feliz Lembrança.* O sol brilhava, *o mar era sereno e a viração subtil,* — podia recitar o Zé, si soubesse a *Judia* do seu patricio Thomaz Ribeiro.

A noticia do carregamento correu como bala e foi arrebentar no centro da cidade, fazendo mover meia população ao cáes.

Era uma chacóta, uma folia, um crepitar de ditos tão esfusiantes como si estivessemos em pleno dominio carnavalesco.

— Mas o que vem fazer com essa gataria? perguntava um espectador.

— Vendel-a.

— Vendel-a?!

— Está bem de ver. Si lhe parece havia de ser p'ra dar.

— E quanto custa cada cabeça?

— A varejo, — trinta mil réis!...

— Trinta mil réis!...

E tudo enroscava-se a rir.

— E por atacado?

— A varrer, entrando refugo, — vinte e sete mil e quinhentos, cada um.

— Virou a bola, — dizia um.

— Fugiu do hospicio, — manifesva outro.

— Está maluco, — confirmavam todos.

As senhoras, olhando-o com commiseração, cá de cima, em voz baixa, lamentavam:

— Coitado!...

Foi uma balburdia que até parecia que era dia de S. Bartholomeu e andava o diabo a solta...

De vez em quando chegavam sujeitos que perguntavam de terra:

— O' seu Zé do O'.

— Oló.

— Ainda tem papa ratos?

Palpitante de esperança, vinha pressuroso ao tombadilho:

— Tem, sim, senhor.

— Pois ensope-os com batatas.

E desappareciam, deixando-o azedo, de má catadura, quasi a perder o juizo, como estava a perder a paciencia.

Pouco a pouco se foi convencendo que tinha sido enganado, escarnecido por aquelle typo com aspecto de quem falava serio:

— Patife! Canalha! Malandro! Um raio de má morte te caia em cima. Si te fisgasse agora debaixo da escota, punha-te os ossos num feixe, dando-te reboque até ás caldeiras do inferno...

Lá pela tarde, quasi ao escurecer, appareceram umas creaturas com caras de boas pessoas e rotulo de gente limpa. Vinham asseadas e olfacticamente recendiam a uma tão fina essencia que até fez espirrar o Zé. Falta de costume.

Tiraram os chapeus, estenderam as mãos e curvando as espinhas, pediram para serem apresentados aos gatos:

— Queremos meia duzia, se chegarmos a um accordo, — expressou-se o menos magro e que parecia o mais puxado á sustancia.

O Zé, com ar de desanimo e um todo que mettia piedade e dó, foi-lhes dizendo:

— Arrematem todos que estou disposto a entregal-os por qualquer cousa. Quero ver-me livre, quanto antes, desta maldita bicharia...

E com cuidado foi abrindo a fresta para tirar amostra, mas os rapazes, deitando as mãos, protestaram:

— Não, senhor, queremos escolher á vontade.

E abriram a escotilha de par em par. Os gatos, — damnados de fome, — inimigos uns dos outros, vendo a grande claridade, comprehenderam que por ali estava a liberdade e romperam em borbotão.

Foi gato por toda a parte.

Fugiram em corrida desordenada, acompanhados dos autores da brincadeira de mau gosto.

(Termina no fim do numero).

A mulher e o cachorro

Sanctuario de uma Escola Domestica em Anchin

Calice, de Rusand Fils

ARTE RELIGIOSA MODERNA

Baculo Episcopal, por Possielgue Rusand

Crucifixo de A. Rivir e Fernando Py

CINEMA

Lily Damita

Jean Harlow

DE Henry Bernstein: "Cinema e theatro são duas coisas totalmente differentes. Um e outro exigem "autores" especialisados. E' na procura e na formação de autores de films que o cinema falado encontrará a salvação. O autor que não escrever exclusivamente para o cinema não produzirá nada que tenha valor, nem sob o ponto de vista artistico, nem sob o ponto de vista commercial. O verdadeiro autor de cinema deverá ter uma tal experiencia da téla que possa escrever um scenario completo, que não exija depois mais que ligeiras revisões e apenas o trabalho de interpretação do "metteur-en-scène". O cineasta, deve escrever como romancista ou como autor dramatico". E' um ponto de vista...

GRAÇA ARANHA

Humberto de Campos

A data de amanhã assignala, na chronologia da cidade, a morte de um Homem Feliz. Informa um velho apologo que os homens felizes, na sua generalidade, não possuem camisa. Este, porém, as possuia, e de seda. Camisas de seda, pyjamas de seda, e uma alma de seda, com botões de perola e ouro. E tudo isso lavado com sabão de ternura, e passado, e dobrado, e arrumado, por finas mãos de mulher.

Graça Aranha — José Pereira da Graça Aranha, — foi, em verdade, um dos homens mais venturosos do Brasil. Teve um destino puramente goethano. Fadas benignas dansaram em torno do seu berço o bailado das sombras generosas. Cresceu formoso e forte. Ainda na adolescencia, tomaram-no pela mão grandes homens do seu tempo, que lhe apontaram o caminho da Sabedoria. Entre Tobias, o barbaro, e Nabuco, o olympico, brotou, avolumou-se e marulhou o rio fresco do seu espirito. Perlustrou, sem cuidados, velhas terras, penetrando o segredo das grandes civilizações. Nos rabiscos intimos dos seus "Cahiers", observa Barrés que as falhas da sua vida nasceram da mediocridade das suas relações na infancia e na mocidade. E Graça Aranha foi amigo de Barrés, e intimo de bellos espiritos harmoniosos. Novo Anacharsis, viajou a Grecia risonha, conheceu sabios e deuses, bebeu vinho e mel temperados em crateras de ouro, e voltou á Scythia, victorioso e joven, para vestir a tunica de Isócrates, mestre da mocidade, no corpo sujo do indigena.

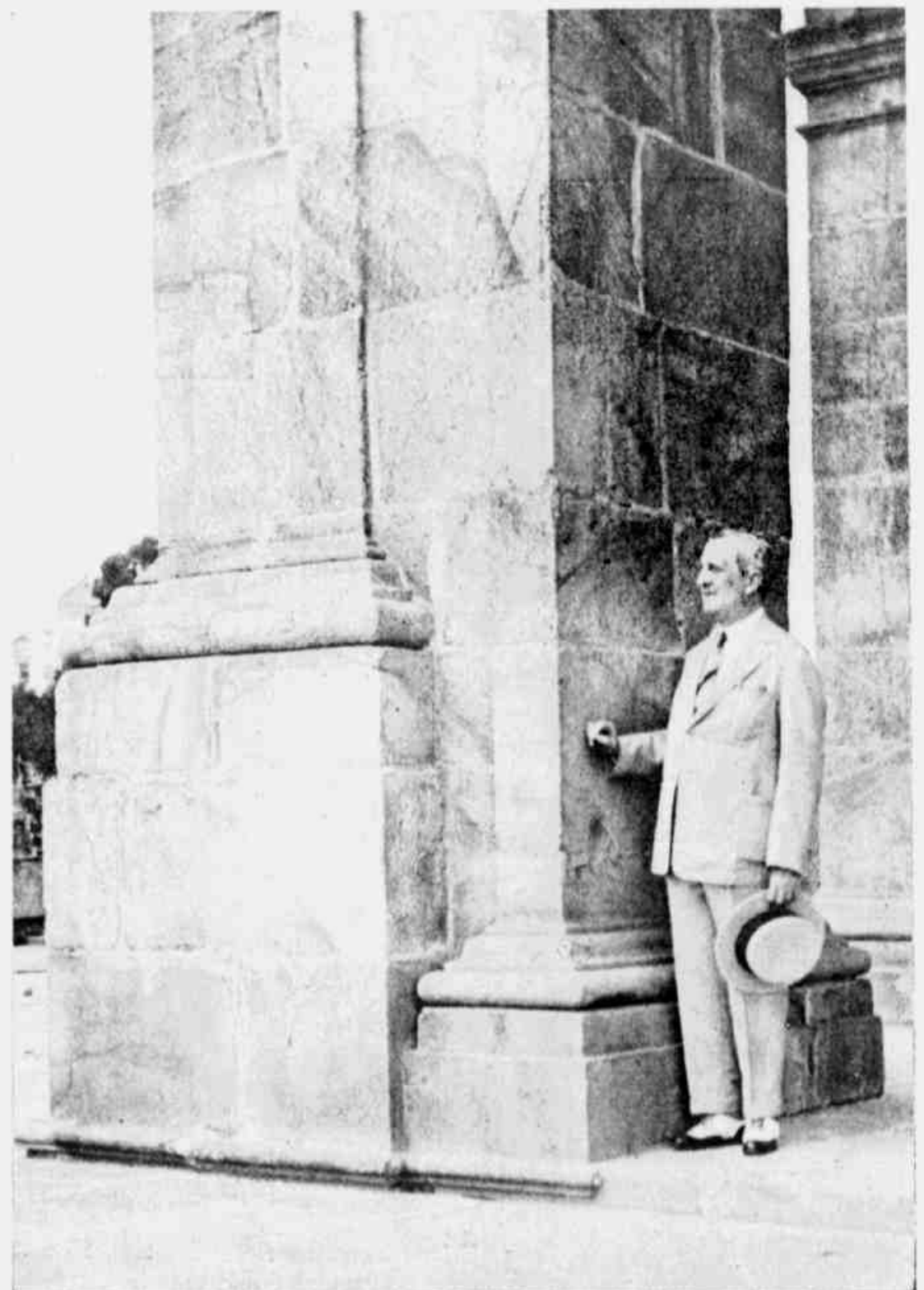
"As suas derrotas fazem tanto barulho que parecem victorias", — dizia Paul Saint-Victor de Emile Augier. Graça Aranha conheceu os mysterios da mesma chimica. Bom ou mau, cada um dos seus livros era escripturado como um acontecimento excepcional na historia das nossas letras. Sybarita do pensamento, não conhecia, no commercio das idéas escriptas, sinão o padrão ouro. Moeda de chocolate que trouxesse a sua effigie entrava em circulação, sem custo, com a antiga cotação do esterlino. Escrevia pouco para que o admirassem muito. E foi admirado, querido, e amado.

Não conheceu a decadencia do espirito, que amesquinha, nem a velhice do corpo, que envergonha. Aos sessenta annos era tão joven como aos vinte. O vinho da sua alegria não azedou. Foi com elle que resou, inteira, a missa da vida. O sino do seu coração rebentou, festivo, repicando Alleluia! com canticos na terra e foguetes no céo.

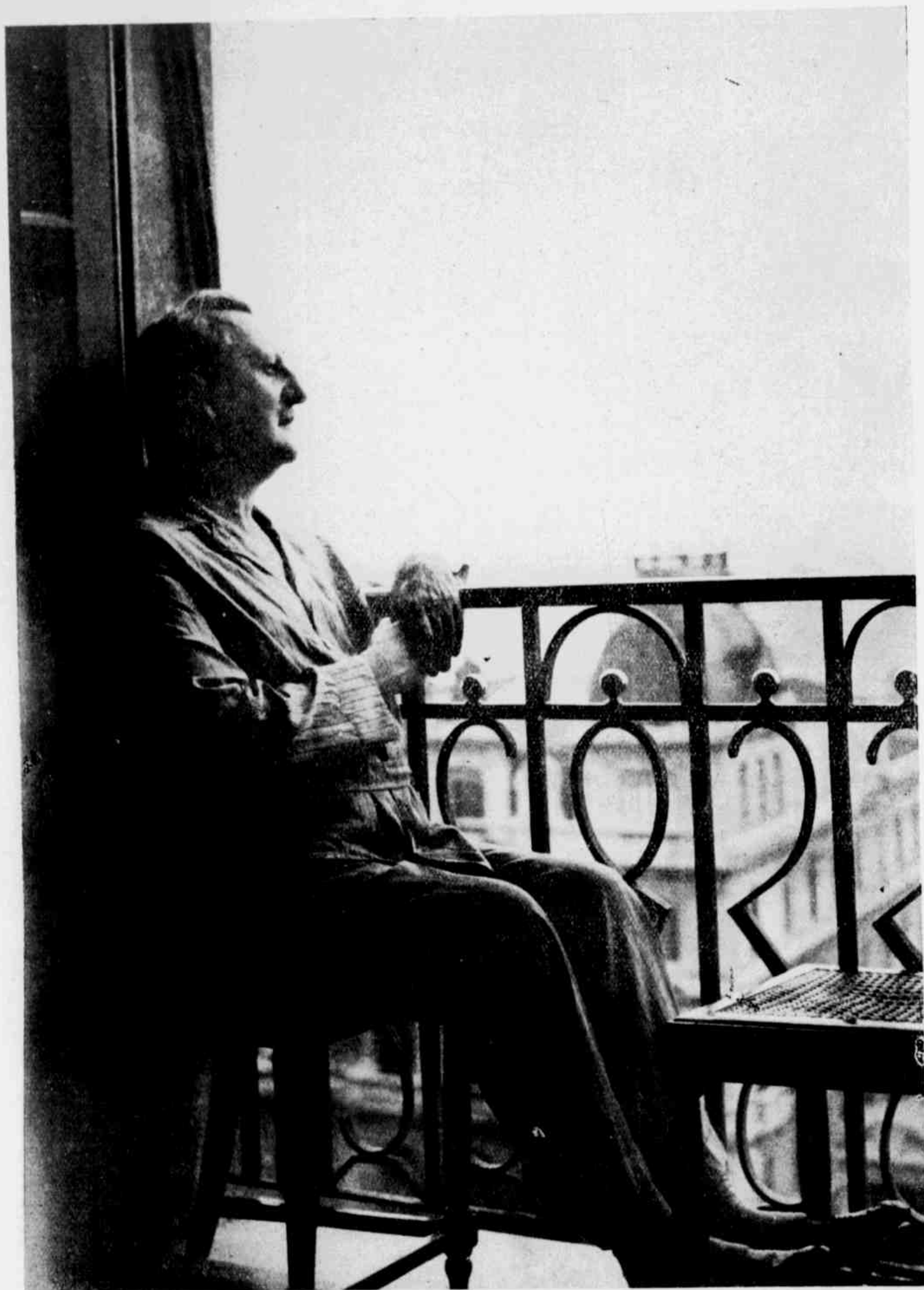
E para a existencia de Goethe, a morte de Goethe. Amado na vida, ainda o é, além da Morte. Em um paiz em que as mulheres vivem á custa dos defuntos, sobrevive, elle, defunto, no culto de um formoso espirito de mulher. Sua memoria está coberta de rosas, como seu tumulo. Seu coração, aos sessenta annos, morreu noivo. Teve a sua Betina, que lhe fechou os olhos ainda encantados da Vida.

Não o choremos, pois, nem lhe espalhemos saudades sobre a lousa. Celebremos, apenas, a sua passagem pela terra, chocando as taças num rito novo:

— Gloria, na immortalidade, ao Homem Feliz, filho dilecto das Musas, neto venturoso dos deuses!

Graça Aranha no portico da igreja do Outeiro da Gloria (Maio, 1929)

Graça Aranha

No dia 27 de Janeiro, ha um anno, Graça Aranha foi-se embóra. A falta que elle faz não é sentida apenas pelos que viviam na intimidade delle. Todo o Brasil perdeu com a morte de Graça Aranha um dos seus homens-guias, o mestre da confiança e do enthusiasmo, o claro espirito que lhe illuminava o caminho, affastando os desalentos. Elle quiz uma patria livre e intelligente. Que essa vontade seja a vontade do Brasil inteiro.

INÉDITO

No 8º andar da Casa Allemã. Julho, 1930.

MAIO 1923 (HOTEL GLORIA)

O UNIVERSO representa-se na imagem. A arte é a representação da imagem.

Toda a idéa do Universo e dos seus fragmentos é esthetica.

Dos objectos só se tem a realidade esthetica.

A representação da vida dos seres ou da existencia dos objectos é de profundeza como é de extensão.

A arte deve ser a representação integral da vida dos objectos em que se fragmenta o Universo.

Essa vida ao mesmo tempo que é particular, individual, é universal. Os seres devem ser representados como um todo, e como parte do Todo.

Os seres communicam-se com o Todo, pelas expressões sensiveis. Estas expressões são, o volume, a côr, o som, e não ha ser ou objecto destituido de qualquer uma dessas expressões. O artista representando os seres, deve exprimir estes contactos. E a Arte torna-se universal, como exige a nossa percepção.

A vida é perenne no Universo. Não ha ser que não esteja em movimento intimo. Todas as moleculas da materia proseguem o seu trabalho de decomposição e transformação ininterruptamente. E' uma actividade fatal e irreprimivel.

A Arte deve exprimir esta profunda e immortal actividade, e jámais considerar os seres sob o aspecto estatico. O artista deve representar o perpetuo movimento por mais subtil, remoto, enigmatico, que este pareça.

Não ha objecto que não seja um ser, não ha ser em quietação. O mysterio da arte é revelar toda a vida universal dos seres.

A vida não reside sómente nas sensações da materia, no dynamismo material. Tambem as imagens, as idéas, os pensamentos, sendo como emanações da materia, para o senso esthetico, constituem seres que estão na perpetua mobilidade, e em intimo e

Março de 1930 (...sa ...
(Photographias de ...ona

irrefragavel contacto com o Universo.

A Arte deve saber exprimir esta actividade psychologica, sob este sentimento do mecanismo universal.

A Arte da palavra, que na poesia ou na prosa, procura ser universal, é mais complexa que as outras, porque ella participa da pintura, da esculptura, da musica, da architectura, da dansa. Ao mesmo tempo

OS DE GRAÇA ARANHA

r,
la
os

es
n-
s,
o
io
e

que ella é *sensasorial*, é *intellectual*, e não pode ser uma cousa sem ser outra.

CINCO HORAS DA TARDE
(FLAMENGO)

A LUZ! Começam as côres. Em baixo na orle do horizonte a linha dura das montanhas encostadas ao céo e

...sa Allemã)
...ona Nazareth Prado).

ivi-
do

na
m-
ipa
da
apo

tudo roseo-roxo. As sombras surgem, a bahia empallidece. Na entrada da barra, camadas densas de luz e côr. As ilhas se apagam e tornam-se cinzentas. Pouco a pouco a luz foge, desmaia, e um começo de lividez annuncia a morte universal. No céo um fio de lua como uma pansa, annuncia o silencio nocturno. Sobre a agua corrente, canôas agitam-se de mansinho...

13 DE JUNHO 6 ½ A 7½ DA TARDE
(MORRO DA GLORIA)

A LUZ é roxa-rosea. O sol appareceu e um gorro de luz dourada atravessa as camadas da outra luz. A agua da bahia está ampla e serena. Sobre ella a luz estende-se preguiçosa. As nuvens estão roseas e o céo se esconde atraz das nuvens, e uma vez ou outra apparece um lago verde, mares verdes, que se transpuzeram para o alto. Os contornos esbatem-se mas o perfil d s morros fluminenses é tangivel, embora se apoiem ás massas de nuvens. Os barcos deslisam de vagar sobre a agua parada em que a luz desperta suavemente. O sol está agora escondido e tudo é cinzento e a neblina desforra-se. Entorpecimento. O horizonte mascava-se nas nuvens que baixaram. A serra occulta-se, o volume das montanhas são nuvens. Nebulosidade total. E o circulo do sol esbranquecido alonga-se em lamina reluzente. Sobre a agua, uma facha de aço é uma camada de luz.

:: :: ::

5 DE AGOSTO DE 1925
6 HORAS DA TARDE

PRAIA DO CAJÚ

ABRE-SE a doce enseada que se espraia mansamente pela agua da bahia, ou fecha-se como um sacco que recebesse os barcos, a lama, a luz, as sombras e a agua podre do fundo do mar. Tudo raso e parado. A terra baixa bebendo a agua do tijuco que infecta a praia. Uma ponta de lama se estende como um braço preto supportando uma fila de coqueiros. Em volta, os morros, ao longe, as montanhas. O sol foi-se e deixou uma claridade de laranja rubra, ardente e oriental, que instiga a resurreição das côres. As sombras longas e profundas vivem e deslumbram. Ellas sahem do mar, do céo, das terras, sobem impalpaveis, transfiguram as cousas, mancham os espaços e são monstros allucinantes. Lutam com as luzes que illuminam a cidade e tudo restituem á sua naturalidade simplista. Agora, do fundo do sacco, ao rez da agua, por cima do tijuco, vê-se o quadro infatigavel que se estende da barra á ponta do Cajú. As luzes sóbem e descem os morros e desfilam pelos cáes. Tudo é como sabido ha muito. Não ha o vago das vagas, nem o fluido dos ventos. O crepusculo era uma tela sem perspectiva, uma grandiosa obra de arte, chata, rosa, mas realizando a vida das sombras e as suas magicas transfigurações.

:: :: ::

LIBERTAÇÃO

O SONHO da libertação. Viver nesta mesma existencia que se viveu na "prisão". Assistir como deuses ás vidas alheias, ás paixões, aos odios, ás lutas e ás alegrias, e ficar maravilhosamente impassiveis, vendo tudo como accidentes fugazes, formas passageiras da eterna comedia humana. Viver no absoluto emquanto os outros se debatem no relativo! Supremo encanto do Paraiso e do perpetuo extase! E' o segredo da divindade, o mysterio dos mysterios. A eternidade na relatividade!

GRAÇA ARANHA

No seu appartamento da Casa Allemã, Julho, 1930

Graça Aranha nas Paineiras em Outubro de 1928

Photographia de Dona Nazareth Prado

Paineiras

Trecho de uma carta de Graça Aranha
19 de Outubro de 1922.

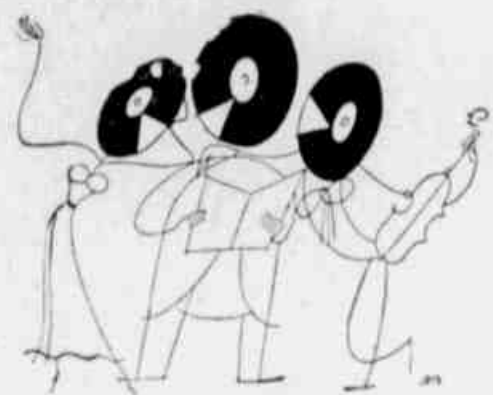
Estou na floresta e na divina solidão. Estou, ouvindo, porém, as vozes mysteriosas da natureza! Uma manhã de sol. Estou na maravilha. Corre ao meu lado a agua incessante que murmura docemente. O sol brilha em tudo. A estrada vem abeirando a montanha em plena matta. De espaço a espaço abre se uma clareira, e é um deslumbramento! De onde estou vejo o oceano, as ilhas quasi apagadas n'agua, as brancas praias, e por toda a parte no amphitheatro verde as montanhas que se atropellam umas sobre as outras. O sol espaneja o tempo. A humidade verte em tudo; e é uma delicia a alegria dos vegetaes embebidos no invencivel e infinito liquido. Oh! belleza das côres verdes! Ha uma phantasia nos limos que cobrem as pedras da calcada e as encostas dos morros. Ha limos côr de rosa-verde que pintaram os troncos das arvores, invisiveis artistas! Escrevo sob a copa de um jequitibá... Uma gotta d'agua cahiu sobre este papel como uma lagryma do céu. Tudo canta mysteriosamente, os insectos dansam, os passaros gritam, as cigarras se desforram dos dias sem sol, os ventos, que se calaram, voltam e agitam a mattaria. Uma nuvem passa, e tudo se escurece, o oceano fica como uma enorme perola manchada de ilhas. O sol volta e tudo muda novamente...

GRAÇA ARANHA

Sociedade de São Paulo

Senhora Durval Vieira de Faria (Conceição Neiva de Lima) no dia do seu casamento.

Senhora Dr. José Bastos de Oliveira (Maria Sophia Pacheco Chaves).

Enlace Isabel Monteiro Diniz com Octacilio Coutinho de Freitas.

Emquanto gyram os discos...

Cinderella

Emquanto gyraram os discos, os dias passaram e o Carnaval chegou... O Carnaval voltou, e foi recebido com honras officiaes...

Até o Carnaval foi nomeado interventor!

"Seu Pedro Ernesto, o Carnavá tá hi!" — "Só dando com uma pedra nelle! Só dando com uma pedra nelle!" (não é no Pedro Ernesto, por favor!) — "A turma lá de casa não é sopa!" — "Mulata!" — "E' com você que eu estou falando Nenen!"

— "Tenha calma Gêgê" — Não adianta recommendar calma. A loucura principia. E desta vez vae ser importante: baile na Opera, inauguração do Alhambra... emfim, um Carnaval mesmo... para inglez ver.

Vamos aos discos carnavalescos, macacada!

Victor tem novidades de assombrar.

O disco *33514*, *O teu cabello não nega*, de Lamartine Babo, é talvez a marcha mais caracteristicamente carnavalesca deste anno. A musica já não ha quem a não conheça.

Lá vão as palavras:

O teu cabello não nega,
Mulata;
Porque és mulata na côr,
Mas como a côr não pega
Mulata,
Mulata, eu quero o teu amor.

Tens um sabor
Bem do Brasil
Tens a alma côr de anil,
Mulata, mulatinha, meu amor,
Fui nomeado o teu tenente interventor.

Quem te inventou,
Meu pancadão,
Teve uma consagração
A lua, te invejando fez careta,
Porque, mulata, tu não és deste planeta.

Quando, meu bem,
Vieste á terra
Portugal declarou guerra
A concurrencia então foi colossal
Vasco da Gama contra Batalhão Naval.

Do outro lado dessa marcha, *Passarinho, Passarinho*, um samba magnifico tambem de Lamartine Babo!

O disco Victor *33504* traz um samba, successo para este carnaval, *Bamboléo* de André Filho, cantado por Carmen Miranda:

Bamboléo
Bamboléa
A vida eu levo cantando
P'ra não chorá.

Todos se queixam da sorte,
quasi sempre reclamando,
mas eu que conheço a escripta
deixo tudo e vou girando.
Todo o mundo vive triste,
fala, fala o dia inteiro...
o mal de toda essa gente
é a falta de dinheiro.

Neste mundo de illusão,
só não gosa quem não quer,
pois a vida só consiste
no dinheiro e na mulher.
Tudo passa nesta vida
nada fica p'ra semente,
não se matando a tristeza
a tristeza mata a gente!

Do outro lado desse disco, *Quero só você*, samba tambem bom de André Filho, cantado por Carmen Miranda.

COLUMBIA apresenta com um successo do outro mundo a marcha de Canuto, cantada por Murillo Caldas, de musica optima e engraçadas palavras: *A turma lá de casa*, no disco *22072*:

A turma lá de casa não é sopa,
P'ra sahir no carnaval
Já está fazendo a roupa.

A minha mana,
Que é comprida e esguia,
Já está com as asas promptas
P'ra sahir de stegomia
Tenho uma outra
Que, gritando sem recurso,
Vem na commisão de frente
Fantasiada de urso.

Tenho uma prima
Que é baixota e gordinha,
Como tem as pernas grossas
Vem montada na burrinha;
Até o velho que arrasta os pés no chão
Já está dizendo a todos
Eu vou de bébé chorão.

Do outro lado, uma bôa marcha de Arlindo Marques, *Sobe no bonde*, cantada tambem por Murillo Caldas.

O disco da *Columbia 22075* tem outro successo carnavalesco, a marcha *Está no papo*, de Gastão Lamounier, cantada por Arthur Costa. As palavras são engraçadissimas, das melhores:

Toda pequena que anda muito no cinema
Está no papo. (bis)
E si passeia sem mamãe no Ipanema
Está no papo. (bis)

bis { Deixa falar
Que um passeio no Ipanema
E' só para refrescar.

Toda menina que só dansa agarradinha
Está no papo. (bis)
E toda velha que só passa por mocinha
Está no papo. (bis)

bis { Deixa falar
Que quem dansa agarradinho
E' para poupar logar.

Toda viuva que anda á cata de um segundo
Está no papo. (bis)
Si sahe á rua namorando todo o mundo
Tá no papo. (bis)

bis { Deixa falar
Que a viuva quando sahe
E' para se consolar.

Do outro lado desse disco, um samba cantado por Ildefonso Norat: *Sahe fumaça*.

O disco Columbia *2202* traz um bom samba, *Aurora*, de Henrique Vogeler:

Aurora, Aurora
Você me ensina
Como é que se namora

Do outro lado, *Casar p'ra quê?*, de Euclydes Silveira, tambem um bom samba:

Casar p'ra quê?
Não sou nenhum otario
P'ra me deixar cahir
No conto do vigario.

ODEON não podia ficar nem ficou atrás na porfia dessas musicas carnavalescas.

O disco *10880* traz *O carnavá tá ahi*, marcha de José Francisco de Freitas e Pinto Filho, bulindo com o Dr. Pedro Ernesto.

Que prefeito camarada
Ajuda, macacada
Seu Pedro Ernesto
O carnavá tá ahi!

Nós temos um doutor de facto,
Um prefeito do coração
Vae fazê Carnavá de verdade
Que vae sê uma consagração.

Do outro lado, *Sinhá*, marcha, de Heitor dos Prazeres.

Dansa e Poesía

Isadora Duncan e Yessenine, poeta russo que se matou por amor da grande dansarina com a qual tinha casado. Foi o ultimo desgosto de Isadora Duncan que morreu e deixou a lembrança da sua arte maravilhosa e da sua vida, desgraçada...

Arthur Corey bailarino norte americano.

ARCOS COLLERY, fabricante de pharóes para automoveis, morreu em 19... de meningite cerebro - espinhal. Deixou viuva e tres filhos: duas meninas e um menino, este muito pequeno. Catharina Collery deixou o luxuoso palacete que o marido acabára de preparar em Neuilly, e se installou na rua da Pompe, proximo á casa do sogro e no meio das suas relações mundanas, pois temia muito a solidão. Infelizmente, Collery pae morreu pouco tempo depois, e a sogra de Catharina abandonou Paris para ir viver no meio dia da França, junto de um filho, negociante de vinhos. Depois, uma desgraçada amiga de Catharina se divorciou, o que dividiu o pequeno grupo das relações. E, logo em seguida, Catharina tambem se viu reduzida a uma existencia retrahida, concentrada toda na educação dos filhos.

Assim que attingiu á idade, Roger entrou para o lyceu Janson-de-Sailly. Por outro lado, Jacqueline e Annette seguiram o curso de bacharel em sciencias e letras numa instituição da rua Cortansbert. Eram duas raparigas cheias de vida, de saude, de ardor pelos divertimentos e pelo estudo; a mais velha principalmente, cujos magnificos cabellos louros ondulavam sobre as costas como chammas. Os cabellos de Jacqueline eram celebres em todo o Passy. Mas, como o estudo para exames lhe causasse ligeiras dôres de cabeça, ella os cortou alguns centimetros abaixo da orelha. Durante oito dias, a mãe recusou dirigir-lhe a palavra; Jacqueline, porém, parecia pouco se incommodar com isso, e foi a senhora Collery quem usou de humilhantes expedientes para de novo conseguir as boas graças da filha.

Ella não tardou em se bacharelar com notas brilhantes. Havia já alguns annos que era ella quem determinava o logar onde deviam passar as férias. O novo titulo de bacharel não podia senão augmentar a sua autoridade, tanto nesse assumpto como em qualquer outro. Decidiu que fossem a Morgat, a linda praia de Douarnenez. Escreveu aos hoteis e combinou as

condições da estadia. No dia 31 de Julho á noite, a senhora Collery com os filhos tomaram o trem com destino a Brest, onde deviam passar para um pequeno vapor que os transportaria á quasi ilha de Crozou.

O hotel florido, arejado, rodeado de luxuriantes jardins onde rapazes e moças vestidos de branco jogavam tennis, lembrou logo á Catharina certo hotel de Llandudno, no paiz de Galles, onde ella e Marcos Collery haviam estado, dezoito annos antes, por occasião da viagem de nupcias. A bahia de Douarnenez, toda azul, toda lisa, sobre a qual, dôces como asas e cortantes como laminas, deslisavam velas, era o mar da Irlanda... Debruçada na janella Catharina se pôz a sonhar. Sentia o coração pesado. Havia dentro della uma especie de grande grito que não chegava a se tornar realidade. Trouxeram-lhe a mala.

— Está bem, disse, ponha isso em qualquer logar.

Atirou-se sobre a cama e chorou sonhando:

— Que é que eu tenho, mas que é que eu tenho?

Aquelle hotel no paiz de Galles fôra o unico logar do mundo onde ella amára com paixão Marcos Cellery. Catharina chorou porque, de repente, a sua sensibilidade de mulher se recordára.

Alguns dias depois, foi organizada na praia uma pequena festa esportiva, á qual toda mocidade do hotel comparecia enthusiasmada. Retida no quarto por um vago mal estar, Catharina teve vontade de fugir daquelle ambiente de alegria pueril que chegava até ella e lhe irritava os nervos. Levantou-se, sahiu do hotel pelos jardins e, com um passo precipitado que dava bem a impressão que fugia, ganhou o porto dos

Madame Collery e

pescadores, subiu o atalho costeiro que atravessa um bosque de pinheiros passando pela proximidade de um forte, e assentou-se diante do rochedo do Cap-Sémelle, junto do qual ha um lavadoiro.

Sentia muito calor mas a enxaqueca a deixára. Tirou o chapéo e offereceu a cabeça ás caricias do vento. Estava num estado de ansiedade inexprimivel. Rompida a servidão do dever maternal, experimentava nesse repentino isolamento uma libertação de todo o sêr. Sorria ás ondas, ás arvores, ás nuvens. "Estou, disse para si mesma, como um soldado de folga." E a reflexão evocou-lhe no espirito Jacques Valrang, o irmão mais velho de um collega de Roger, que encontrára algumas semanas antes e que revia naquelle instante com uma clareza extraordinaria, muito alto, muito fino, um pouco ingenuo, um pouco fatuo, com uma pequena pincelada de bigode de

cada lado da bocca e galões de prata cosidos nas mangas azul claro... Um homem subia o atalho da rocha, um marinheiro. "Um que tambem folga", pensou Catharina, e por ella passou uma sympathia confusa por todos os jovens, sujeitos na mais bella idade da vida á disciplina das casernas. Um dia, Roger será como elles. Pobre Roger!... Elle dizia que queria ser da marinha, mas saberia fazel-o desistir. Qual o menino que não sonhou com a marinha?... O marinheiro subia de cabeça baixa. Tinha nos labios um cigarro cuja fumaça esvoaçava em torno dos hombros como uma gaze. Quando avistou Catharina, parou e numa attitude indolente, os braços como asas de cestas, passeou o olhar pela bahia reluzente de sol. Instinctivamente ella o imitou e nomeou para si mesma a ponta do Bellec, o Menez-Hom, a ponta de Talagrip... Mas advinhou que o marinheiro voltára os olhos para ella e baixou as palpebras, não ousou se mover, e um intenso pudor lhe causava na garganta e nos pés a sensação de um contacto quasi physico. O marinheiro approximou-se. Ella teve medo, viu-se perdida.

sua filha

Por ANDRÉ BILLY

Illustrações de PEETIER

Elle ia se atirar sobre ella, pois seguira-a com essa intenção, tinha certeza, e poderia gritar, ninguem escutaria... O marinheiro passou; abriu de novo os olhos, justamente na occasião precisa para vel-o tocar, com polidez, o gorro. "Um perfil de medalha", notou Catharina Collery que, na vespéra, lêra um romance onde essa expressão se repetia tres vezes.

Desapparecêra o prazer de estar ali. Mas aonde ir? Para voltar ao hotel, era muito cedo, e, prolongando o passeio, arriscava se fatigar pois o caminho continuava em subida. Além disso, o marinheiro... Ora! o marinheiro já estava longe. E os caminhos são de todos...

Numa curva do atalho o marinheiro a esperava:

— Bom dia, minha senhora.

— Bom dia, murmurou ella suffocada, vermelha até ás orelhas.

— A senhora vae ao Cabo da Cabra?...

— Não sei...

— Se vae ao Cabo da Cabra aconselhou-lhe seguir pela estrada antiga.

— Obrigada, respondeu Catharina, ansiada.

Apressou o passo e caminhou assim uma meia hora, o coração saltava-lhe no peito, as frontes estavam frias, as orelhas escaldavam, não ousando olhar para traz com receio de ver o marinheiro perseguindo-a. Por fim avistou uma grande pedra que suppoz ser a de Keravel. Pontos claros moviam-se na sombra. Um homem e uma mulher, provavelmente parisienses, estendidos sobre a relva, bricavam com um cachorinho. Catharina respirou profundamente e, a cem metros da pedra, deixou-se cahir, já sem forças. Perto daquella gente sentia-se protegida. Aliás o marinheiro não reapparecia; estava espantada! Que tolice ter tido medo! Na primeira occasião se desculparia com o pobre homem por lhe ter feito uma recepção tão desagradavel.

A tarde chegava.

"Quando o casal com o cachorrinho forem embora, eu tambem irei" decidira Catharina. Mas o casal não partiu e ella receava não estar em Morgat na hora do chá. Os filhos se assustariam com a ausencia della; Jacqueline a interrogaria, obrigando-a a se explicar. Deveria dizer que fugira de um marinheiro? Isso seria bem ridiculo...

Desceu vagarosamente a escarpa. Quando atravessava o porto, pensou avistar atravez da vidraça de um cabaret, a golla azul e o pompou vermelho. Um pouco mais longe parou para olhar uns pescadores que estendiam as redes escuras. Cem vezes ella vira fazer esse trabalho.

— Ah! mamãe onde estavas? exclamou Jacqueline.

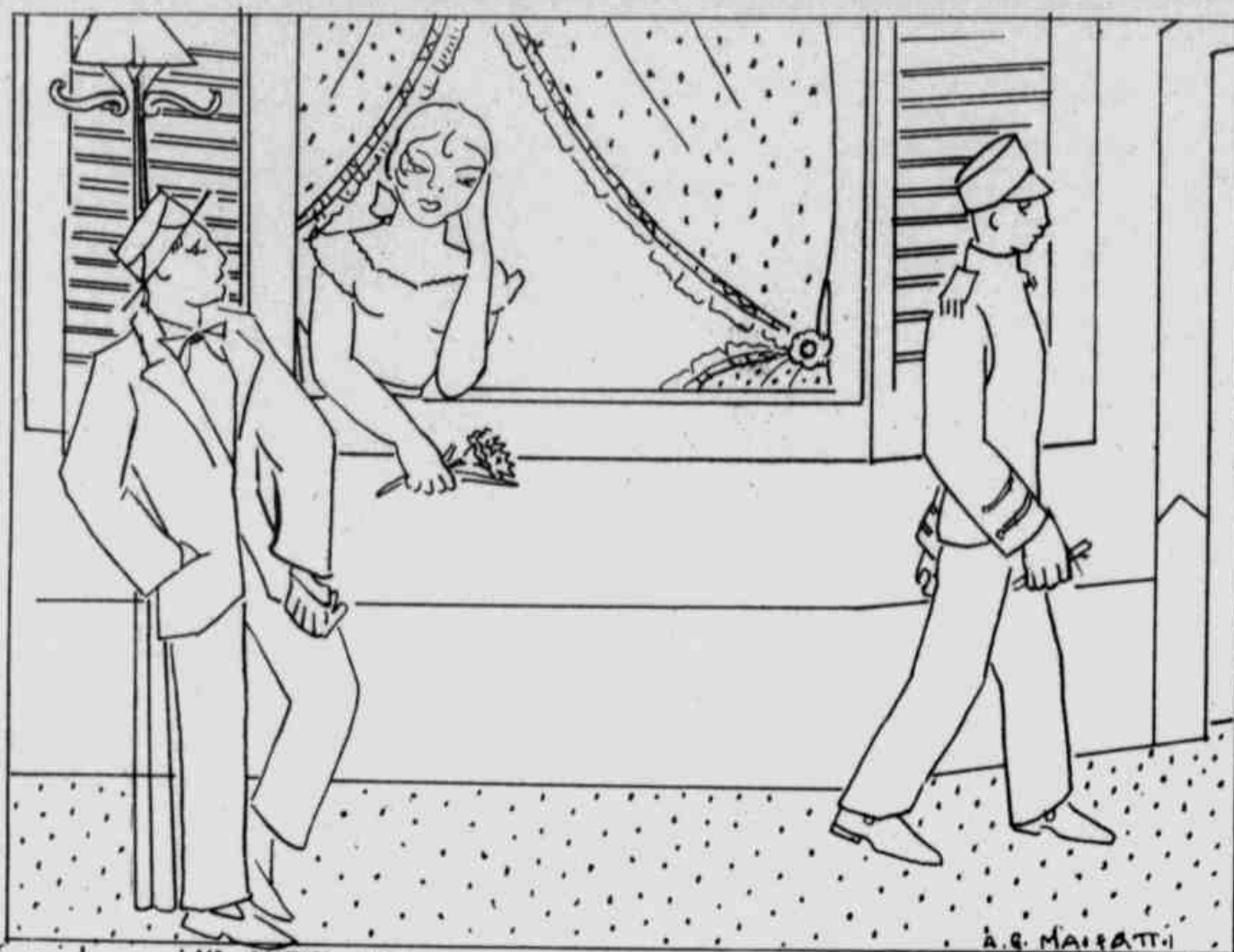
Sem uma palavra, ella subiu para o quarto; a joven bacharela ficou estupefacta.

Todos os dias da semana que se seguiu, Catharina fez o trajecto do hotel ao porto de Morgat. Subiu de novo a escarpa. Affeiçoára áquelle sitio.

— Minha mãe é uma sonhadora, disse Jacqueline ás amigas, o que as fez rir e se propagou de grupo em grupo.

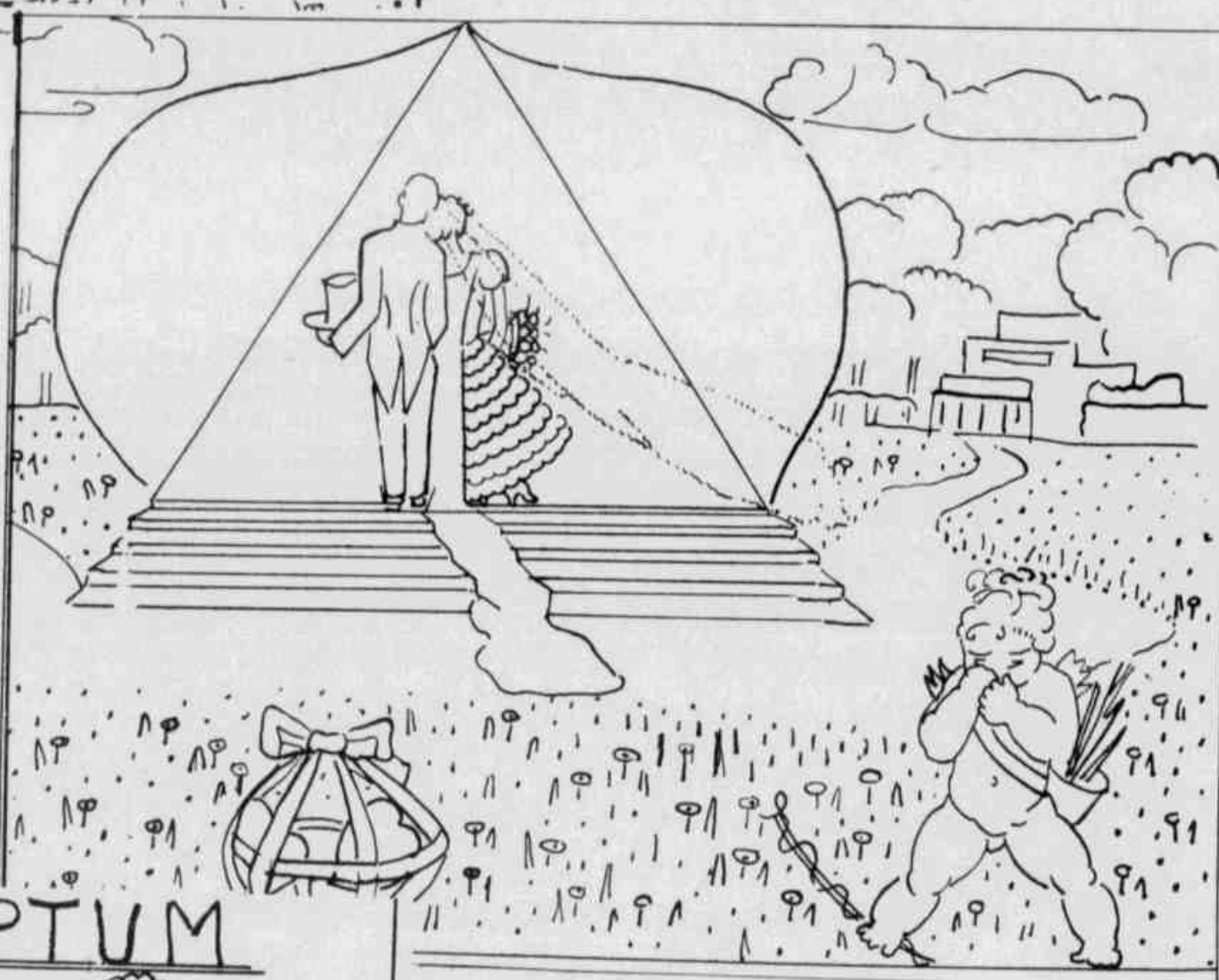
Para os hospedes do hotel, Catharina Collery tornou-se " a boa senhora sonhadora."

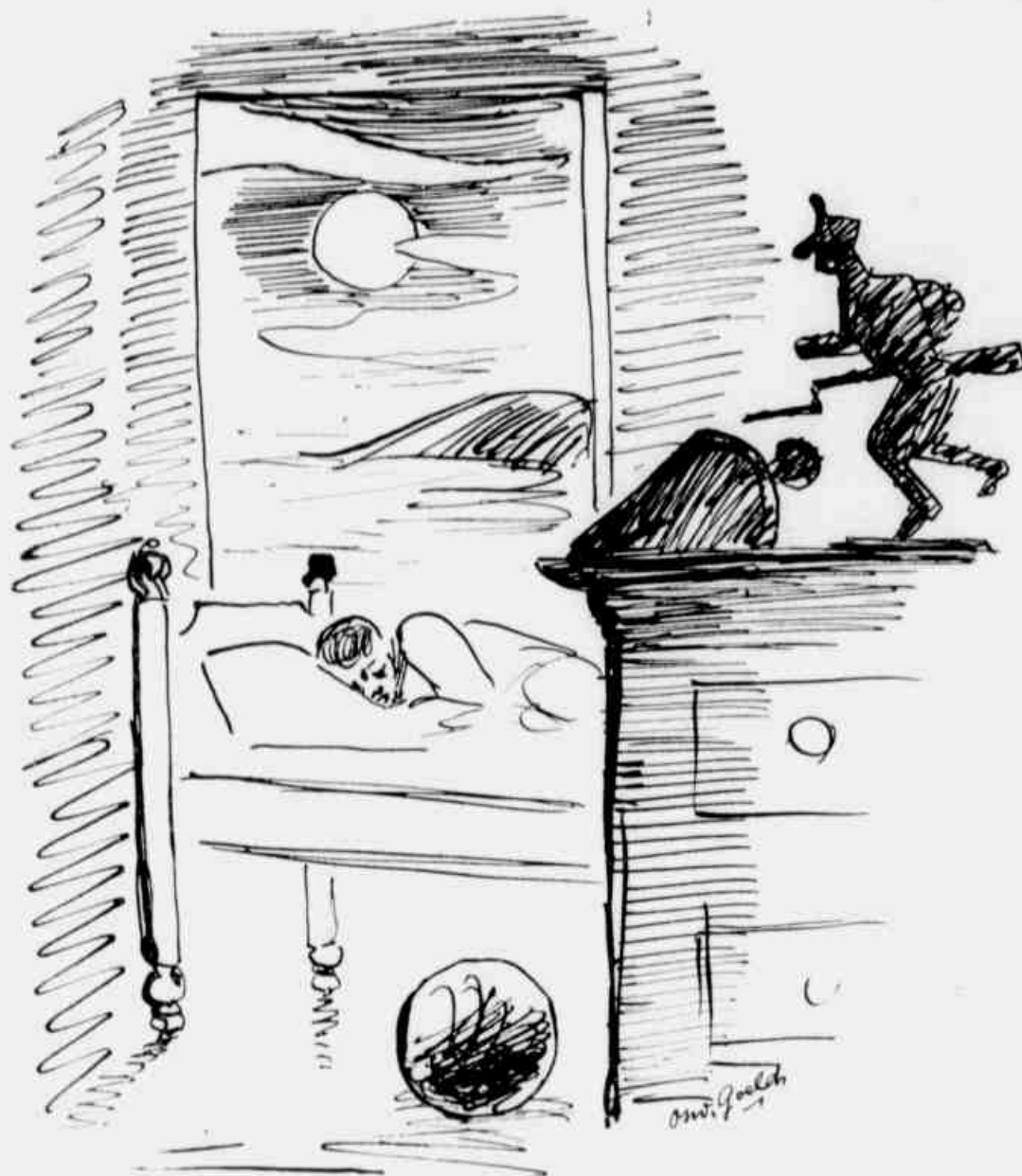
Interminaveis chuvas estragaram o resto das férias.

Tres Tempos

O ACASO

Desenhos de Anita Malfatti,

pintora de São

IDYLLIO

RESULTADO

POST SCRIPTUM

Petit Pierre

Poème de Beatrix Reynal

Dessin de Oswaldo Goeldi

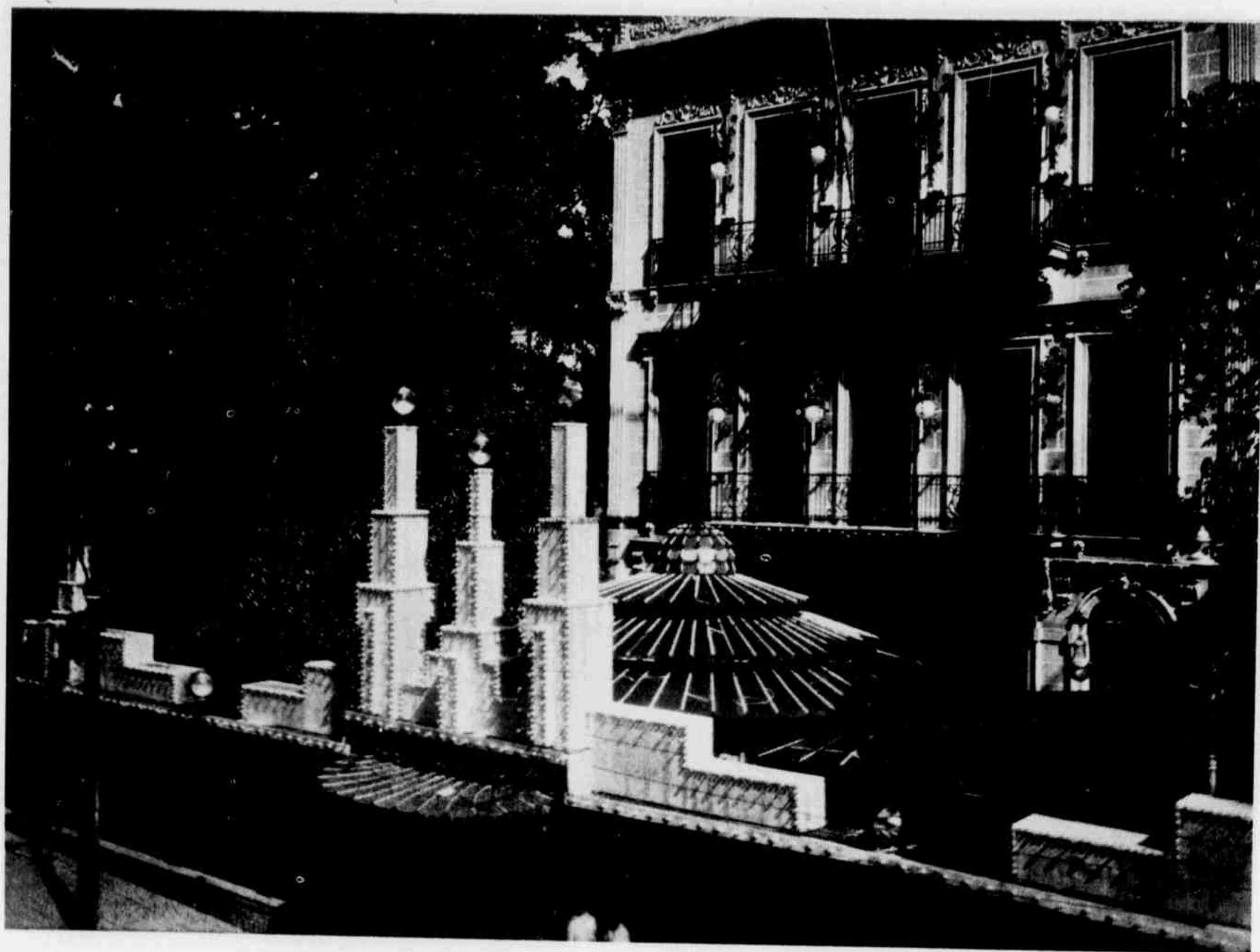
Le petit Pierre dort. Il sourit à son rêve...
Son visage brillant respire le bonheur.
Il est loin, surement. Laissons lui l'heure breve...
Puisqu'il s'amuse tant dans un monde meilleur...

Ah! il est transporté! On lit sa joie fievreuse
Sur son front pur et blanc. Ses mains remuent un peu,
Et ont l'air de saisir, timidement peureuses,
Ce qui'il desire tant — un jouet merveilleux!

Est-ce un soldat de plomb? une grosse toupie?
Ou bien, est-ce un fusil qu'il voit dans la penombre?
Du reste quel qu'il soit, son âme en est ravie!
Son rêve est tres heureux, et sa joie est enorme...

Petit Pièrre jamais, dans la cour de l'ecole,
Joue au petit soldat: il est triste et craintif.
Quand ses petits amis s'amusent à pigeon vole,
Lui reste dans son coin, et pleure sans motif.

C'est qu'il est orphelin, qu'il sent dejà, peut-être,
Le poid de son destin, et qu'il en souffre alors...
Ah! tirons les rideaux, et fermons la fenêtre,
Et surtout pas de bruit, car petit Pierre dort...

BEATRIX REYNAL

A entrada do bello palacete da rua Santo Amaro em cujos salões se realizam os mais bonitos, os mais alegres e os mais concorridos bailes do Carnaval Carioca.

O High Life e o amor

As tradições mais bellas e pittorescas do carnaval carioca serão revividas, mais uma vez, a começar do proximo sabbado. E a só enunciação desse facto — esperado pela cidade em peso como a mais liberal indulgencia que nos poderia conceder o Olympo, dentro da quadra de tristezas e de aprehensões que tem sido a existencia da humanidade nestes ultimos mezes — basta para que sacudamos o tedio do espirito e a poeira de alguma velha fantasia de rajah, por ventura guardada de época de menos economias forçadas...

Mas, tristezas, aprehensões, economias forçadas, são expressões só aqui gravadas para lembrar aos leitores que ellas traduzem idéas mortas e que não devem resuscitar, em absoluto, pelo menos... de sabbado gordo a quarta-feira de cinzas.

Devemos considerar que, durante todo o anno nos dedicamos de corpo e espirito ao duro e esgotante prosaismo da vida, sempre de olho na esquina para ver se vêm os "cadaveres".

Pois ao menos durante esses poucos dias de immunidade que que nos

CARNAVAL

concede a magnanimidade de Momo, esqueçamos esse prosaismo e confraternizemos com os "cadaveres", se não os quizermos mandar campear macacos.

Varramos a tristeza da nossa cidade. Expurguemo-nos a nós mesmos do tedio, que contagia e mata como o stegomya da febre amarella. E, sobretudo, caiamos na farra sem consultar a folhinha nem o relogio.

Feitos para medir e contar o tempo, a folhinha e o relogio só servirão, durante os dias da folia, para fazer a gente perder o dito.

Nesses dias todos os nossos mais rapidos momentos, um fugaz segundo que seja, pertencem a alegria e ao amor.

✣ ✣ ✣

Amor!

Os chronistas mundanos são unanimes em dizer que o "High-Life" é o palacio encantado em que Momo offerece á nossa sociedade as mais deslumbrantes e faustosas recepções do seu ephemero reinado. Ainda agora, noticiando elles o que serão os quatro pomposos bailes no elegante paço da rua Santo Amaro, alludem á nova fachada do club, decorada á idade média com as suas bonitas torres de velhos castellos senhoriaes afogados nos esplendores de luz que feerisavam as grandes datas dos condes e barões...

Relembram os seus bellos e amplos jardins, que parece guardarem a alma sonhadora das noites orientaes... E informam que a empresa, desejando corresponder a uma preferencia do publico que se affirma de anno a anno mais generosa, tem empregado todos os humanos recursos da arte e da intelligencia pratica dos nossos dias para ali crear um ambiente novo, de emoções ineditas nas suas novas decorações, a que se juntarão, para completo enlevo e satisfação de todos, os melhores jaz-bands, e o mais perfeito serviço de buffet.

E' o que dizem, unanimemente, os chronistas da vida mundana da cidade maravilhosa.

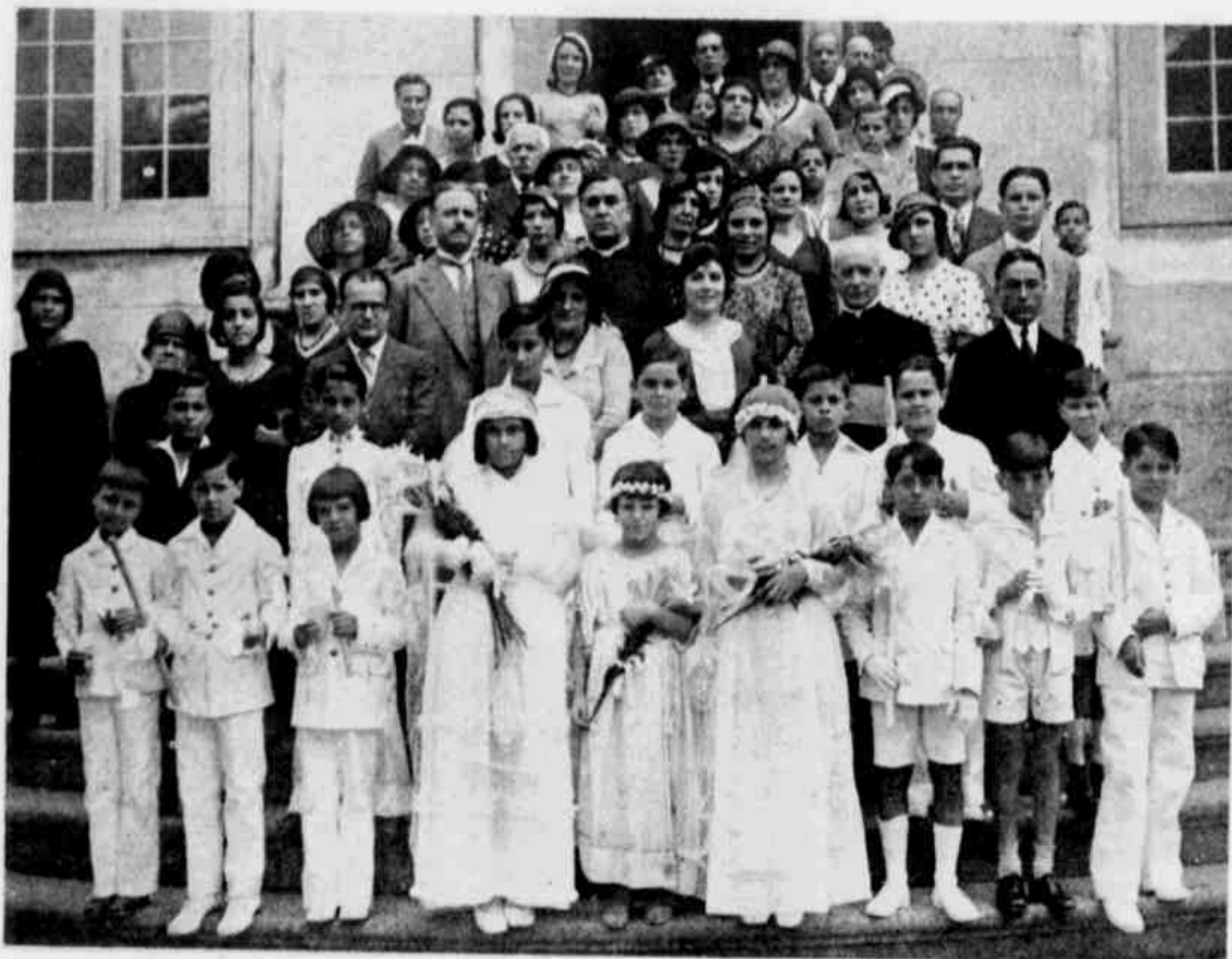
Abstraindo, porém, da visão objectivista que os empolga, poderiam ver elles que o "High-Life" é, sobretudo, uma forja cyclopica do Amor.

Ali, durante as quatro noites de carnaval, brotam os mais delicados e ineditos poemas de amor. Alguns são romances de uma duração não maior que a do desenrolar de uma serpentina. Outros, entretanto, se fazem historia, sobrevivem á evaporação dos vapores da quarta-feira de cinzas e tem a duração da vida dos seus protagonistas.

Tem o "High-Life", neste sentido, uma primazia que lhe não podem disputar os outros centros elegantes do carnaval carioca. E a singularidade tem explicação em duas circumstancias naturaes que muito favorecem o tradicional reducto de alegria da rua Santo Amaro.

O "High-Life" é o unico club frequentado pela nossa melhor sociedade que abre os seus salões nas quatro noites de carnaval, permittindo, assim, que os namoros ali nascidos nas primeiras noites sejam alimentados nas seguintes. Os grandes hoteis e as associações recreativas não dão mais que um baile.

A outra circumstancia é a verdadeira e espontanea democracia que reina no "High-Life", que não restringe a liberdade dos seus frequentadores, vedando-lhes taes e quaes fantasias, por não terem o sello exotico de uma duvidosissima origem estrangeira, mesmo na intenção.

Extreme de preconceitos e, portanto, identificado com o espirito da nossa gente, o "High-Life" é o local onde melhor se aprecia e se gosa o carnaval de verdade carioca, do qual participam, dentro de um admiravel aquilibrio de boa educação, de mutuo respeito, todas as classes sociaes, identificadas num só sentimento: Alegria!

Primeira Communhão de alumnas e alumnos do Lycée Français.

Em casa do Dr. Waldemar Medrado Dias no dia da sua festa de anniversario.

CÃES ALADOS

(Continuação)

De golpe, lança-se um delles sobre a vacca; quasi pousa em seu lombo e bate as asas com temivel ruido. O vaccum muge com suas ultimas forças e distancia-se, desesperada. Então, o segundo condôr, com incrivel audacia, senta em terra, sem baixar as asas, junto do terneiro; e quando este tenta fugir, dando alguns passos, a rapina o segue em trote feroz, entre correndo e voando, e enterra-lhe o bioc no trazeiro. Berra, horrorizado, o mammifero, aberta a bocca, lingua de fóra, pendente. O condôr em rapido movimento, corre para frente e com o bico torvo arranca-a, fazendo tombar o pobre bezerro.

Solta a vacca um mugido tão lastimoso, que commove; um mugido que mais parece um berro na implacavel soledade; uma lamentação, uma queixa, um reproche aos campos vastos, aos destinos dos animaes e ao Deus que os creou.

Não pude mais. Ia sahir de meu esconderijo para amparar a mãe tão dolente; porém Facundo, que adivinha meu intento, me reprime com leve e energico gesto. Detenho-me e observo-o por um instante. Está com o olhar absorto na scena feroz e de irresistivel força. Terrivel encanto paralysa tdos seus musculos.

Por fortuna, não me lembrei que fui o causante do soffrimento daquelles animaes.

A vacca inclina as aspas e corre em soccorro do terneiro; mas, como está quasi exanime pela enfermidade, aos primeiros passos cahe de costado, e vira até ficar de patas para o ar. Não póde levantar-se. Move-se, apoia-se com o outro costado em terra, porém seu esforço é inutil, e, vencida, lança uma queixa dolorosa e funda. Outros condôres voam sobre as bestas.

O terneiro tem o trazeiro vermelho e revolto, e o focinho é um coagulo de sangue. O condôr que o havia derrubado, o come a toda pressa. Já tinha lhe tirado os olhos. Introduzido a cabeça pela bocca e furado a garganta. Pelo trazeiro tira as tripas que engole com o escremento, como se fosse tempero immundo. Come o estomago, o coração, todas as visceras, mettendo a cabeça por debaixo do couro de sua victima com habilidade magistral e repugnante.

O mesmo destino tem a vacca. Os condores arrancaram-lhe os olhos, a lingua. Com os bicos de aço abriram tunneis por dentro della, por onde guiam a cabeça, submergindo, ás vezes, todo o pescoço, para tirar, das entranhas, as visceras ou um pedaço de musculo.

Nenhum dos cães alados do azul teve a precaução de matar primeiramente sua victima para depois comel-a. Vivas ainda começaram a devorar os enormes bucaos. Um principiou pelas faces, outro pelo ubere, outro pelo codilho, todos comem por debaixo do couro. Nenhum o rasgou.

Têm as pennas manchadas de sangue e de escremento, e delles se desprende um fedôr a podridão e crime.

De repente, passa-se algo de extraordinario, que jámais pude imaginar, e que Facundo, tão conhecedor, nunca tinha visto. Um condôr que tinha introduzido todo o pescoço na entranha da vaca, começa a bater as asas, desesperado, procurando tirar de dentro a cabeça, sem poder. Tinha-a mettido entre os tendões.

O condôr fôra condemnado por sua propria victima. Apoia na presa as garras e faz força. Mas tudo inutil. A cabeça congestionada, sem duvida, augmenta de volume, ficando cada vez mais presa. O condôr desesperado, puxa, bate asas, que fazem sacudir as cartilagens dos flancos da vacca morta. Soffre um tormento dantesco em scena infernal.

Pouco a pouco diminue o bater das asas, até que, pairam abertas e inanimes sobre a victima.

O condôr morreu asphyxiado. O voraz comilão extinguiu-se afogado no proprio alimento. E' um symbolo da glutoneria. Cortou para sempre, sobre a presa, seu vôo de anjo obscuro do profundo azul.

Como chegassem outros condôres, os primeiros procuram defender a bicaços, a conquista, porém, sem persistencia. Entre elles não se matam. Um dos contendores cede promptamente.

(Conclúe no fim do numero)

Presente da Vida...

Estava triste, muito triste,
precisava esquecer...
Estava triste, tão triste,
que precisava outra vida para poder viver...

E a Vida então me procurou, pedindo que não a
[deixasse,
deu-me uma illusão doirada, o amor,
me consolou para que ficasse,
e só foi-se embóra depois que eu disse:—Não vou.

Minha tristeza, sem que eu saiba de onde veiu,
sem que eu saiba para onde, me deixou...

Hontem, a Vida voltou á minha casa
se queixando da filha da visinha
que a queria deixar, porque ella não lhe dera amor.

Queria uma illusão, não tinha,
e então, eu tive tanta pena que lhe offereci de
[novo a minha,
e ella acceitou.

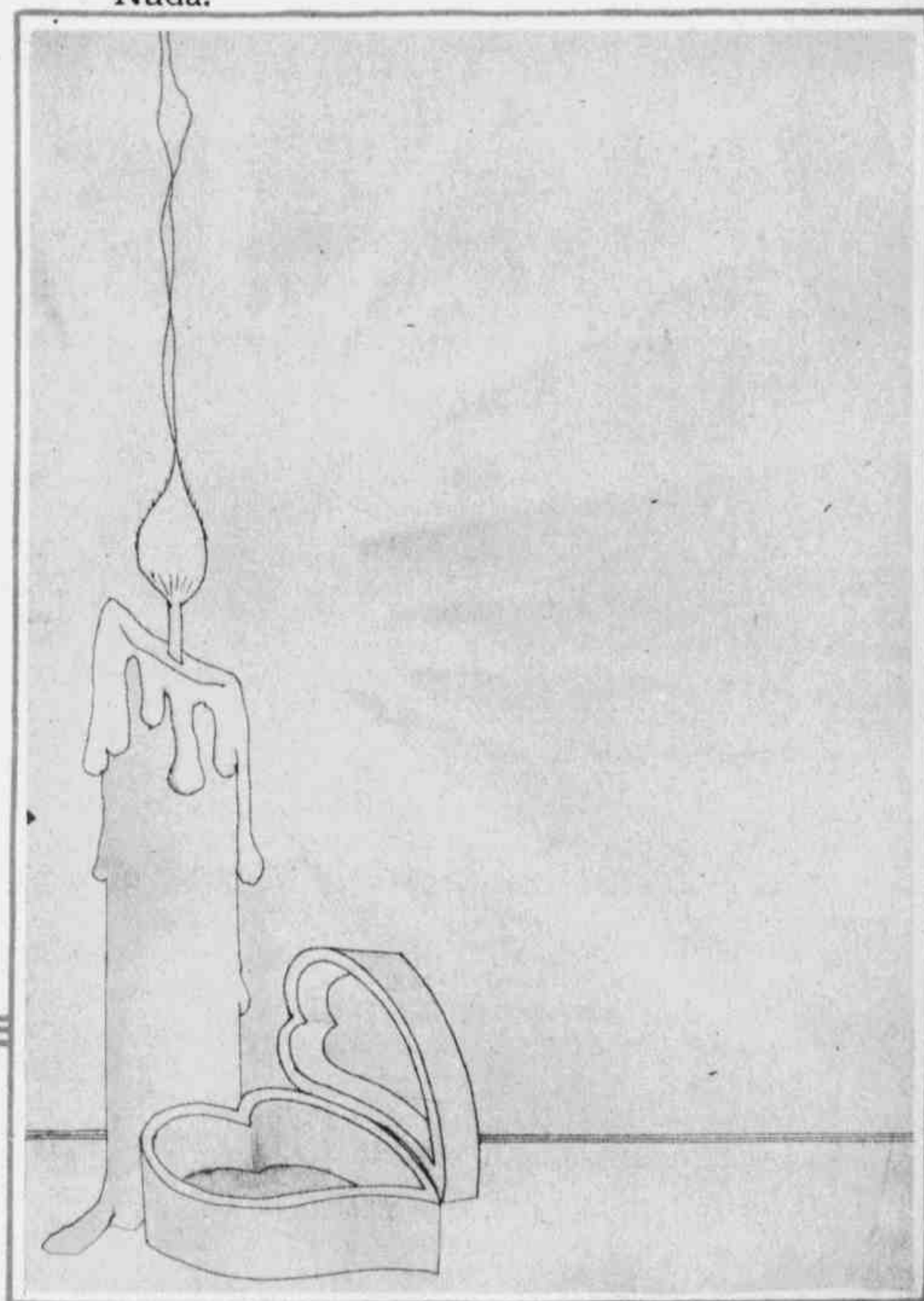
Apanhei a illusão doirada
que havia guardado inteirinha,
sem nunca ter provado,
e dei-lha para que a levasse á filha da visinha.

E a Vida me perguntou cheia de curiosidade
se eu nunca tivera vontade de provar do presente.
Eu respondi que sim. Ella se admirou.
Que havia eu de dizer, era tão verdade!

E a filha da visinha que á noite sorria tanto,
morreu de manhãzinha.
Eu nem sei de que foi, no emtanto,
toda a gente fala que ella morreu de tristeza,
com certeza, porque desembrulhando o presente
[da Vida,
a illusão doirada por fóra tão bonita,
encontrou-a vasia.
Dentro, o que havia?
Nada.

IVETTE
MISSICK
GUIMARAENS

DESENHO
DE
EDMUNDO
PEIXOTO

MO

PYJAMA de soirée em setim rosa. Creação Lanvin.

PYJAMAS e jupes-culottes! Irão as saias ser substituidas por calças?

Em todas as épocas isoladas da historia em que as mulheres ousaram vestir calças, receberam sempre a desaprovação geral.

Foi a duqueza de Berry quem fez a primeira tentativa no genero. Quando a côrte franceza se refugiou em Cherbourg, em 1830, ella vestiu, "para melhor defender os filhos em caso de perigo para elles", umas largas calças, sobrecasaca verde, um foulard como gravata. collete preto e grossos sapatos. Carlos X conversava com o senhor de Maillé, na occasião em que a duqueza surgiu mettida nas novas roupas.

— "Que tal a achas, Maillé?" perguntou o rei.

— "Abominavel, Sire", resmungou o outro.

Ha, entretanto, muita differença entre o aspecto de uma George Sand que chamava a attenção dos italianos "vestida com uma sobrecasaca de velludo preto, gravata azul celeste e, na mão, uma linda bengala", e o ridiculo de uma madame Dieulafoy, envergan-

PYJAMA de lã azul e branca, creação de Irene Dana para yachting.

MADAME Agnès, em Saint Moritz. Calças de lã de Schiaparelli e casaco de zebra de Vanek.

DAS

do uma casaca preta, já em idade avançada, e a silhueta, ora muito feminina, ora gentilmente "garçonne" dos modelos de hoje especialmente creados para a mulher.

Ha uns vinte annos, Paul Poiret só conseguiu que usassem, as suas interessantes calças persas, algumas elegantes que não se intimidavam com escandalo. Mas as necessidades da vida moderna e os esportes exigem liberdade de movimentos, e o uso da calca torna-se indispensavel.

De dois annos para cá os pyjamas de praia, de yachting, de interior, estão indiscutivelmente em moda.

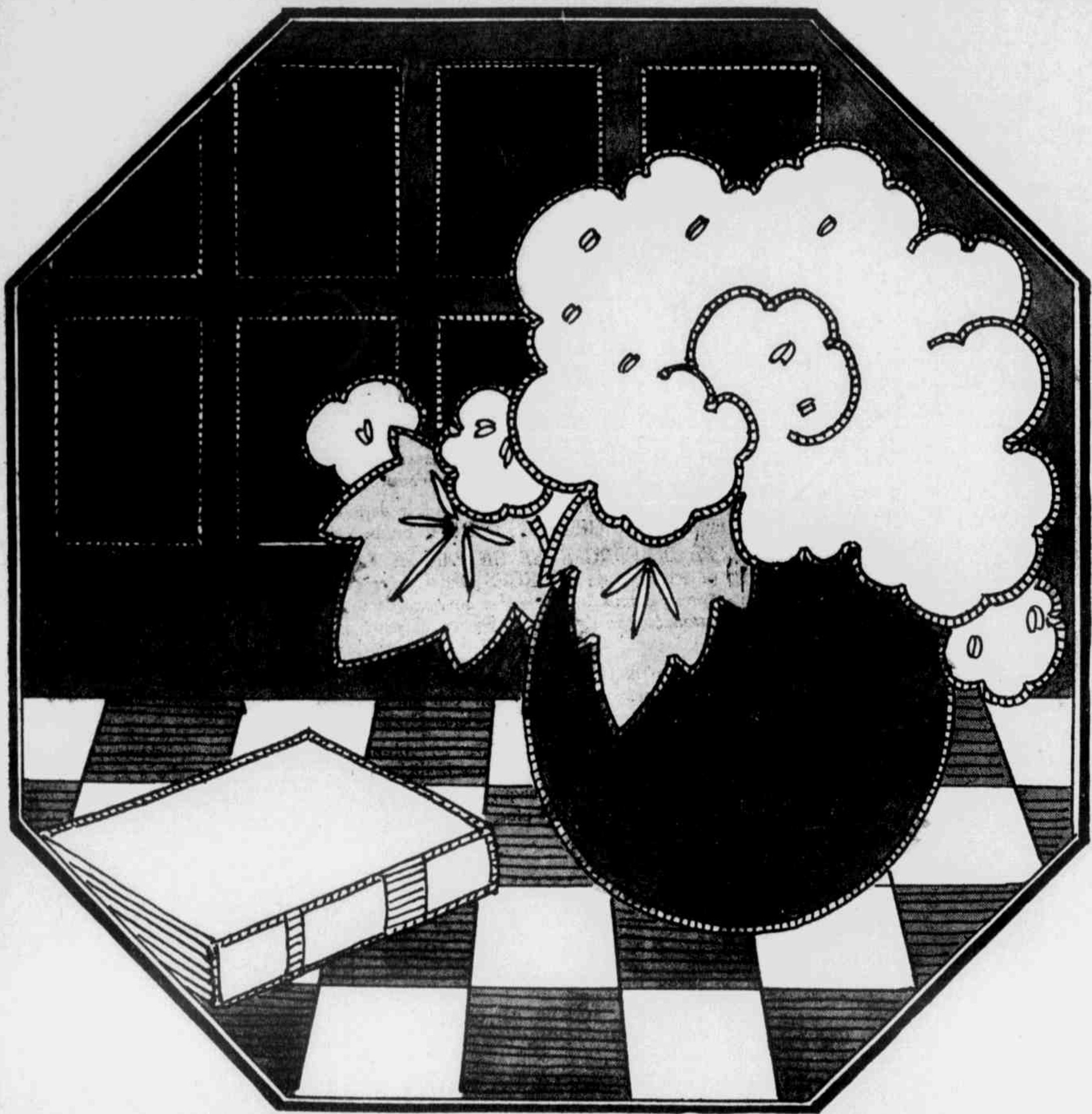
O costume para Ski é sempre com uma calça masculina, e este anno os costureiros crearam jupes-culottes para o tennis, e mesmo para os tailleurs e vestidos para o chá na cidade, e isso sem falar nos afamados pyjamas de soirée. Essas jupes-culottes, de talho estudado, dissimulam quasi totalmente as calças. Parece que veremos, cada estação, essa moda invasora ganhar os meios mais hostis.

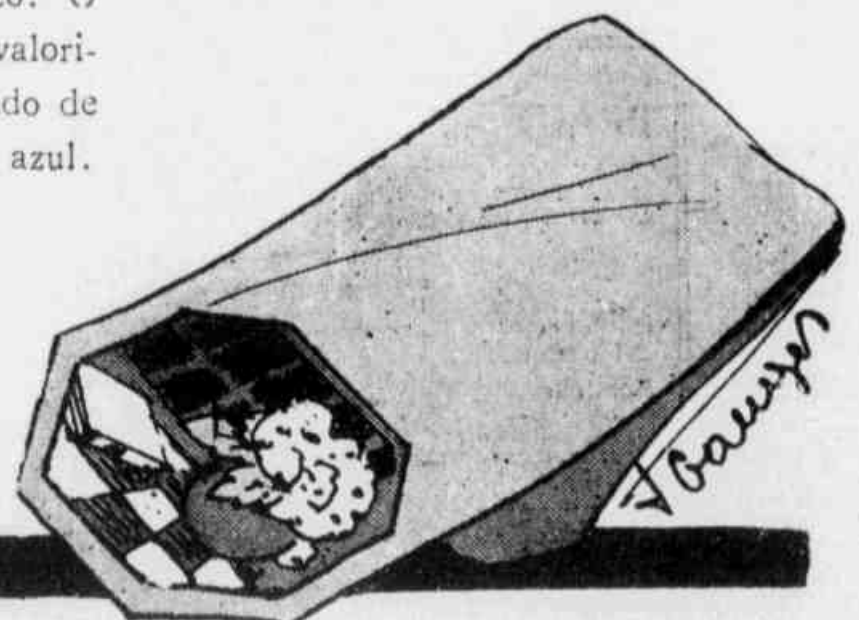
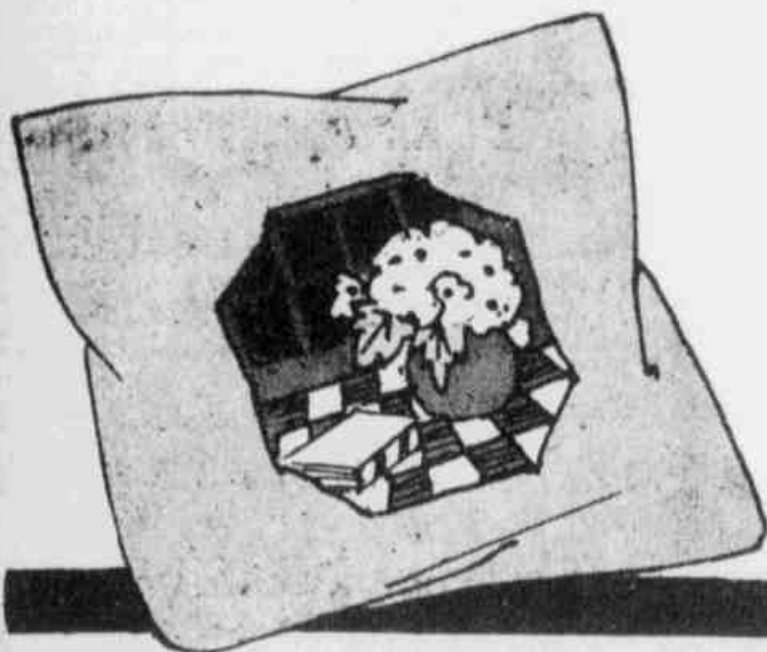
Jupe-culotte, creação de Schiaparelli, para patinação.

PYJAMA de soirée em mousseline estampada, de Molyneux.

MODELO de jupe-culotte para o tennis, de Schiaparelli.

Para confecção de qualquer modelo, procurem sedas nas Casas dos Tres Irmãos. Ouvidor, 134 e 160.

O trabalho da semana

SOBRE uma toalha de quadros, perto de um livro abandonado, brilha um ramo de flores num vaso de barro. Esse pittoresco motivo póde ser pintado ou feito com applicações.

Nesse ultimo caso, o panno de mesa será bordado com linha verde sobre fundo branco. O pote em tecido verde vivo applicado, o que valorizará o ramo de flores em velludo roxo semeado de alguns pontos amarello vivo. O livro azul. Um fundo preto simula a janella.

CÃES ALADOS

(Conclusão)

Dois ou tres condores cheios de carne e de immundicie, ficam junto á presa, graves, pesados, emquanto os outros introduzem a cabeça e o pescoço pelos buracos já feitos. O terneiro foi devorado integralmente em menos de dez minutos. A vacca em uma hora, mais ou menos.

Cessou o banquete. Alguns commensaes parece estarem cheios. Outros sentem fome ainda, mas já nada têm para comer.

Quando sahimos do nosso esconderijo, avançámos rapidamente até os condôres. Todos fugiram até os baixios, pela ribanceira em trote largo, ajudado por um forte bater de asas. Os que tinham comido menos, aproveitaram as grandes depressões do terreno para lançar-se ao ar e entrar em seu dominio do espaço.

Os outros não se podiam levantar do solo por causa do pesadume, de seus buchos, cheios de carne, mas fugiam de nós batendo asas até se perderem no campo quebrado.

Não obstante, a um dos mais cheios, cortámos-lhe a retirada até os declinios do monte e o atropelámos em direcção ás penhas erguidas. Logo que obteve vantagem apreciavel, com grande diligencia metteu a garra na bocca e tirou pedaços de carne, de que estava materialmente cheio. Assim, duas ou tres vezes, até se sentir sufficientemente alliviado para lançar-se das mais altas penhas do cume, ao espaço vasio.

No principio pareceu que o condôr ia cahir no abysmo, tal era o peso de seu corpo; mas, á força de asas, começou a levantar-se lentamente, ao longe, dirigindo-se até outros cumes da mesma montanha.

Como alguns condôres se tivessem dispersado nos baixios, perdendo-se de vista e outros se lançando no abysmo, ficámos eu e Facundo em frente á solidão da Natureza, solidão do universo, solidão da morte.

Uma nova surpresa experimentei ao observar os restos dos quadrupedes. O couro de ambos, revolto sobre a cabeça dos mesmos, estava feito uma bolsa, com o pello para dentro, emquanto que os ossos jaziam completamente desprovidos de toda a carne, brancos, sem um só pedacinho de musculo.

Só ficaram, como resto do banquete os couros e os ossos, como verdade núa, livre de sonho (do sonho da carne), sem arte, sem encanto, de disfarce consolador, de moralizadora hypocrisia... Porque a hypocrisia que se prende a ella, como quando se occulta o crime, os vicios, as miserias da alma é a verdade sufficientemente amarga para poder derribar de seu throno o sonho, e seccar no galho da vida o renovo da illusão.

Demais, estava ahi o condôr morto, com a cabeça inchada pela congestão e a asphyxia, frente a frente na immensa corrente da vida, que esparrama sem ordem alguma, victimas e victimarios, dilectos e condemnados, triumphantes e vencidos, tristes e alegres...

Uma immensa comprehensão da vida me ia ganhando a alma, quando dei largas ao pensamento e me constrangi deante do feito que tinha aos meus olhos.

— Que lhe parece, Facundo — disse a meu companheiro — a terminação do banquete dos condôres?

Elle, cabeça baixa, naturalmente com toda rasão e cordura:

— São cousas da montanha, senhor.

Então levantei o condôr pelas patas, com grande esforço, deixando cahir no solo as asas inanimes e o pescoço lasso.

Era um formoso condôr macho de plumas brancas e a crista com um pennacho com que se assignalam e condecoram sua grandeza e seu poder nos abysmos azues.

A cabeça era chata e ossuda, muito forte, o bico curvo e pontudo como um garfo de aço. Exhalava o fedôr profundo, que em seu vôo espalharia pelo espaço sem limites.

Emquanto o tinha pelas patas, Facundo apertou-lhe o bucho, e o condôr vomitou uma grande porção da que acabara de engulir. Não pude supportar. Nesse momento minha admiração pelo "filho do Infinito" se trocou em repugnancia. Larguei-o, afastando-me para longe, até que Facundo coureasse o animal, como o fez, sem prejudicar a plumagem.

Logo depois, descemos até onde se encontravam nossas montadas, e seguimos devagar, submersos em luz e no infinito, até nosso acampamento cimeiro.

....

(Do livro "Los Animalitos de Dios").

A Terra dos Gatos

(Conclusão)

O Zé, como doido, saltou p'ra terra e cahe aqui e ali levanta, largou-se atraz do seu capital, que de rabinho alçado se evadia a quatro pernas!... Mas qual! desappareceram como por encanto! Pelas calhas, pelos buracos, pelos corredores e até por baixo das saias das mulheres, sumiram-se os gatos todos!... Quando offegante, derreado, voltou ao hiate, na esperança de descobrir algum, — nem um, nenhum só achou para remedio! O que encontrou, — e em abundancia, — foi, espalhados por toda a parte, os *cartões de visite* que como presente de gratidão, deixaram pela hospedagem que ali tiveram.

Tonto, apertando o nariz, galgou o convés, arrancando com furia punhados de cabello pelo prejuizo que soffrera. E ao extirpar o resto de um montinho que lhe adornava a grande cabeça, a dor lhe fez fusilar a luz no cerebro:

— Ah! é isso! E' isso mesmo! Era *gado* o que aquelle barbas de milho queria dizer e entendi *gato*. Com um gato morto precisava que me dessem, até miar, para não metter-me com linguas de trapos...

❖ ❖ ❖

E ahi têm, com a verdade historica, — o motivo porque Pelotas limpou-se dos roedores! Por aqui tambem, — não nos podemos queixar, — agora ha poucos. Não por fazermos uso da *droga arsenical* que a hygiene nos distribue á farta, — que essa é sabido: o effeito é contrario, — em logar de matar engorda!... Nosso processo é mais seguro e limpo. Damos-lhe caça com a *benemerita gata* que não faz rumor nem mia: — a rateira! Si não fosse ella, a fartura seria tanta que até eram capazes de nos roer a existencia, não nos deixando chegar ao fim da vida...

A Virgem das bonecas

CONTO DE MIRIAM HARRY

(Conclusão do numero passado)

Soube que os paes eram mortos; que um filho da primeira esposa, viuva, quando se casou com o pae de Jasmina, furtara toda a herança; que a segunda esposa, madrasta de Jasmina, casara-se com o noivo desta. Ella e o irmãozinho viviam em casa de uma mãe adoptiva que fornecia caftans as odaliscas. Com os retalhos de tecidos que cahiam no chão, e pauzinhos apanhados nas ruas, fabricavam as bonecas, imitação das européas.

— Sabes quantos annos tem?

—Dezesseis apenas. Ella é ajuizada. As mulheres elogiam-lhe a belleza, accrescentou Selim com voz indifferente, mas reparando no Consul.

— Está bem, Selim.

As crianças dansavam em torno da arvore de Natal, onde as bonecas de Jasmina pendiam, como fantoches melancolicos. Na falta de brinquedos parisienses, ellas se divertiam com os pequenos bonecos desageitados, de membros duros, immoveis.

Jasmina comparecêra tambem com o irmão. Consentira em retirar os véos durante a festa. René, pelo intervallo de dois galhos da arvore, olhava-a, encantado. Um pequeno corpete de lã vermelha modelava-lhe o busto delgado e descobria o pescoço fino e liso guarnecido com muitas voltas de um longo collar de flores de jasmineiro, colhidas pouco antes. Com um deslumbramento incredulo, ella contemplava os presentes espalhados por todos os lados. As suas pequenas mãos remechiam nos collares e nas pulseiras acariciavam as sedas, agitavam o chocalho dos sequins. As pupillas se dillatavam. A's vezes mesmo, trahia a alegria com um sorriso feliz; então as longas palpebras baixavam, os cilios estremeciam voluptuosamente.

As crianças partiram.

Jasmina despediu-se de René beijando-lhe a mão. Elle se perturbou. Ella se afastou rapidamente. E René perguntou:

— Jasmina, você voltará?

Já na porta, ella se voltou, e atraver do véo, elle viu os grandes olhos dolorosamente resignados. Uma vez só, René reuniu as bonecas esquecidas ou desdenhadas pelas crianças. Encontrava agora nellas, uma vaga semelhança com Jasmina. A bocca triste, os olhos taciturnos, cobertos de mysterio. Sob a amplidão das roupas, denunciavam a graça arisca das fórmas inacabadas; a cabeça baixada num gesto de precoce desencantamento.

René guardou-as numa gaveta. O silencio da casa espaçosa pairava, oppressivo. Elle deixou a sala. O pé escorregou. Abaixou-se para vêr. Era o collar de flores de jasmineiro que ella trouxéra e cujo fio se arrebentára. As flores estavam murchas, mas ainda perfumadas. René enrolou-as ao pescoço. Deitou-se no terraço. A noite aquecida, luminosa. As cupulas brancas da cidade adormecida ordeavam como um campo de neve mameloso. Aqui, e lá, a agulha de um minarete, a pyramide de um cypreste elevavam a ponta sombria. Em baixo, na rua deserta, pés pesados arrastavam chinellos...

A fonte pingava na vasca. O collar perfumava o ar. René levou-o aos labios, e somnolento, já descançado com a certeza da felicidade proxima, balbuciou:

— Jasmina, flôr de Jasmineiro flôr triste e virginal...

Para todos...

Directores
Alvaro Moreyra e Oswaldo Loureiro

Assignaturas
1 anno — 75$000
6 mezes — 38$000

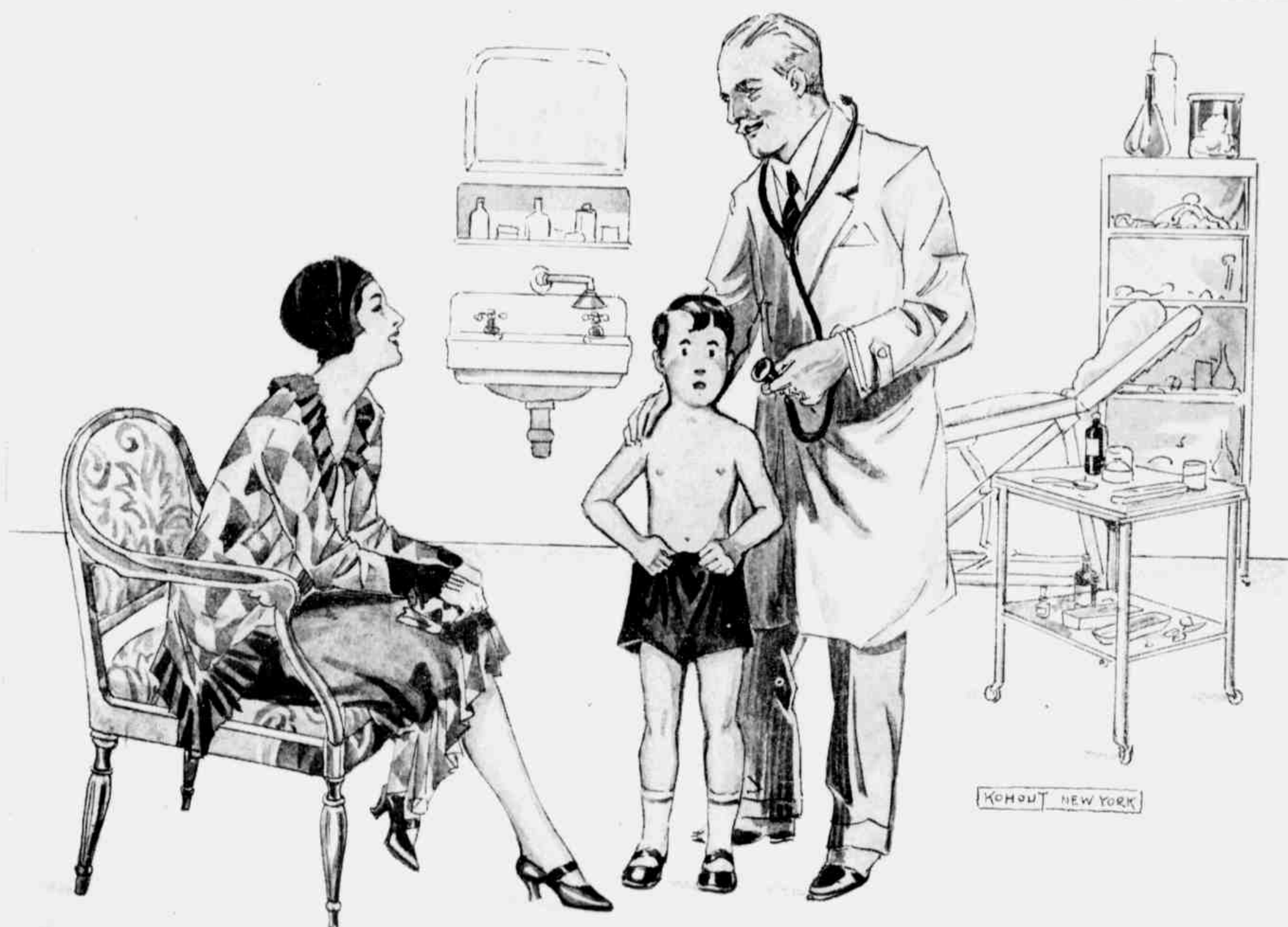
Rua do Ouvidor 181 — 1.º
End. telegr.: "Paratodos"
Telephone: 2-9654

ÉCOS

ANTEPASSADOS

Perto da grande herdade de Weilenmann, em Opfikon-Glattbrougg (Zurich), descobriram um tumulo que abrigava os despojos de dois seres humanos que viveram na época da pedra polida, isto é, pelo anno 2000 antes J. C. O tumulo era guarnecido e recoberto de ardosia de Glaris de côr vermelha. Os esqueletos estão parcialmente muito bem conservados, mas certos ossos foram destruidos. Havia tambem no tumulo tres pontas de flechas, uma ponta de lança e punhaes e lanças de pedra. Esse tumulo foi enviado ao Museu Nacional de Zurich.

UM DRAMA INÉDITO

A senhora Dagny Bjornson Sautreau, filha do grande dramaturgo Bjornson, acaba de descobrir entre os papeis deixados pelo professor Christiano Collin, biographo de seu pae, um drama inédito, escripto entre 1872 e 1875. O assumpto é tirado da historia da Noruega, nos tempos medievaes quando disputavam os dois reis: Oystein e Vigus. O drama será representado este anno por occasião do centenario do escriptor que nasceu a 8 de Dezembro de 1832.

— Não é nada, minha senhora . . .

— Quando as mães são prudentes e cautelosas como V. Ex., certas doenças dos filhos perdem a importancia. A tosse do seu menino, si não fosse tratada a tempo, poderia tornar-se grave, porque uma tosse é sempre um perigo para uma creança. É descuido imperdoavel dos paes deixar de tratar, ás primeiras manifestações, a tosse dos filhos pequenos, porque a tosse enfraquece o pulmão e o expõe a males mais serios. **Mas cortando** a tosse no começo, o caso perde a importancia. É o caso do seu pequeno: dê-lhe **Bromil** e não se preoccupe.

O Bromil é o melhor remedio conhecido para a Tosse das Creanças: ás primeiras doses, faz cessar a tosse, desinfectando os pulmões e soltando o catarrho.

TOSSE ? BROMIL

Odol
KOHOUT.
U.S.A.
A Pasta Odol dá brilho e brancura aos dentes;
o Liquido Odol completa a hygiene da bocca
evitando a carie e perfumando o halito.
ODOL